

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA**

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

JORGE LUIS RUBIO VARGAS

O MERCOSUL NO SENTIR DOS ALUNOS DO 5º PERÍODO / 2000  
DO CURSO DE COMÉRCIO EXTERIOR DA UNISO.

Sorocaba / SP

14.11.2003

JORGE LUIS RUBIO VARGAS

O MERCOSUL NO SENTIR DOS ALUNOS DO 5º PERÍODO / 2000  
DO CURSO DE COMÉRCIO EXTERIOR DA UNISO.

Dissertação apresentada à banca  
examinadora do programa de Pós-  
Graduação em Educação da Universidade  
de Sorocaba, como exigência parcial para  
obtenção do título de Mestre em Educação

Orientadora: Profª Drª Maria Lúcia de  
Amorim Soares

Sorocaba / SP

14.11. 2003

## Ficha Catalográfica

Rubio Vargas, Jorge Luís

R84M O Mercosul no sentir dos alunos do 5º período/2000 do curso de Comércio Exterior da Uniso. / Jorge Luis Rubio Vargas. - Sorocaba, SP, 2003. p.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia de Amorim Soares

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2003.

1.Mercosul. 2.Administração do Comércio Exterior – Uniso – Sorocaba, SP. I. Soares, Maria Lúcia de Amorim, orient.

II. Título

JORGE LUIS RUBIO VARGAS

O MERCOSUL NO SENTIR DOS ALUNOS DO 5º PERIODO / 2000  
DO CURSO DE COMÉRCIO EXTERIOR DA UNISO.

Dissertação aprovada como requisito parcial  
para obtenção do grau de Mestre no  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
da Universidade de Sorocaba, pela Banca  
Examinadora formada pelos seguintes  
Professores:

---

1º Exam.: Drª Ruth Youko Tsukamoto - UEL  
Universidade Estadual de Londrina

---

2º Exam.: Dr. Paulo Celso da Silva - Uniso  
Universidade de Sorocaba

Sorocaba, 14.11.2003

Este trabajo lo dedico a mis recordados padres Socorro y Aurelio Darwin. Querido viejo ya no podrás ver este trabajo, pero estoy seguro de que te alegrarías al verlo concluido. En la distancia y en el recuerdo se los dedico del fondo de mi corazón.

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar a Deus, pela sua mão guiadora em minha vida.

Meus agradecimentos a Edson C. Rocha , meu superior em 1998 na Johnson Controls & Varta agora Enertec do Brasil Ltda. pela visão pragmática do meu futuro profissional e apoio incondicional a este projeto de vida. Não esquecerei seu gesto.

Aos professores do Programa de Mestrado em Educação – Uniso, pelo trabalho em infundir coragem para a mudança de minha atitude pedagógica e também aos meus colegas da turma III pelo companheirismo.

A todos meus alunos de Comércio Exterior que forneceram subsídios para fazer este trabalho.

A minha esposa Lílian e minhas filhas Nellie e Noeli pela paciência nos momentos mais difíceis.

A minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Lúcia de Amorim Soares, pela sua disposição em orientar este trabalho e por acreditar em mim.

## RESUMO

Este trabalho consiste numa verificação da concepção que os alunos do Curso de Administração de Empresas – Comércio Exterior tem sobre o Mercosul. Para tanto a dissertação encontra-se dividida em três capítulos. O primeiro é introdutório ao tema proposto, conceituando o que são os blocos de poder e sua influência na formação dos blocos econômicos atuais. O capítulo dois trabalha o Mercosul e suas fases de criação e integração até o presente momento, as relações entre os membros mais poderosos do bloco, Brasil e Argentina, suas crises políticas, econômicas e institucionais são destacadas.. O capítulo três trata das concepções dos alunos do 5º período do curso de Administração de Empresas – Habilitação Comércio Exterior da Universidade de Sorocaba – 2000, a respeito do entendimento que têm sobre o Mercosul e como se sentem fazendo parte do processo integrador das nações que compõem o referido bloco.

Este trabalho utilizou-se das metodologias de pesquisa quantitativa e qualitativa, esta por meio de depoimentos em sala de aula e aquela estruturada com a aplicação de um questionário.

Assim, na busca de um resultado consistente, com, vistas à contribuição para o ensino do Mercosul num panorama social, cultural e de relações de interdependência amplo, todo o proposto permitiu a conclusão de que há necessidade de outra lógica na produção de conhecimento universitário na questão do Mercosul. Além de formar uma consciência espacial, não deve o professor do Curso de Comércio Exterior ater-se apenas a questões técnicas próprias das disciplinas que compõe a matriz curricular, mas levar o aluno analisar e compreender seu papel como cidadão nas práticas sociais que o Mercosul propõe e através delas intervir na realidade.

Palavras Chave: Mercosul; Administração de Comércio Exterior – Uniso – Sorocaba, SP.

## **ABSTRACT**

This research was developed to check the conception what university students of Foreign Trade – Administration understand about Mercosul.

The dissertation is splitted in three chapters: The first chapter will be introducing the proposed subject of power blocks, their influence in the formation of economic blocks. The second chapter includes the Mercosul, their integration phases from their creation up to the present moment, the relation between the two powerful members of the group, Brasil and Argentina and their political, economic and institutional crisis are detached.

The chapter three treats the conception of the 5<sup>o</sup> period of Foreign Trade students of Universidade de Sorocaba - 2000, how students understand the Mercosul in a wide view being part of process integration of nations that compose the block.

Thus, looking for a contribution with consistent results for the teaching of Mercosul in a wide social cultural panorama and interdependence relationship, all proposed subject panorama permitted to reach the conclusion that there is a need to begin a new logic to produce university knowledge about the Mercosul.

Beyond to form an spatial conscience, the foreign trade teacher should not treat the matter of Mercosul just as technician , but to bring the opportunity to their students discuss the matter and to analyze and understand their role as citizens as social practices that Mercosul proposed and through it to intervene in the reality.

Key Words: Mercosul; Foreign Trade Administration – Uniso – Sorocaba, SP.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>1 - CAPÍTULO I – GLOBALIZAÇÃO E BLOCOS DE PODER</b>	<b>17</b>
1.1 Alinhavos Iniciais	18
1.2 O conceito de Bloco de Poder	23
1.3 A União Européia, o Japão	26
1.4 A acumulação flexível	34
<b>2 – CAPÍTULO II – O MERCOSUL</b>	<b>38</b>
2.1 O projeto	39
2.2 Histórico	41
2.3 Países participantes do Mercado Comum do Cone Sul	46
2.4 A crise no Mercosul	56
<b>3 – CAPÍTULO III – CONCEPÇÕES DOS ALUNOS DO 5º PERÍODO DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO / UNISO SOBRE O MERCOSUL</b>	<b>64</b>
3.1 A estratégia adotada para a pesquisa	65
3.2 Histórico do curso da disciplina Sistemática de Comércio Exterior e Operações de Comércio Exterior	69
3.3 A questão da identidade mercosulina no contexto latino-americano	72
3.4 Os achados da pesquisa quantitativa	76
3.5 Os achados do estudo qualitativo	85
<b>4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>89</b>
<b>5 – REFERÊNCIAS</b>	<b>93</b>

## LISTA DE TABELAS, GRÁFICAS E FIGURAS

Tabela 1 - Indicadores macroeconômicos do Mercosul	05
Gráfico 1 - Estatística de imigrantes nos países desenvolvidos	13
Tabela 2 - Área de influência dos blocos	14
Figura 1 - Blocos de poder	22
Figura 2 - Os Principais Blocos Internacionais de Poder	23
Figura 3 - As Periferias dos Blocos de Poder	24
Gráfico 2 - Importações argentinas do Brasil	43
Gráfico 3 - Exportações argentinas ao Brasil	44
Gráfico 4 - Empresas que fecharam na Argentina	52
Gráfico 5 - Empresas Argentinas que se transferiram para o Brasil	52
Gráfico 6 - Exportações Brasileiras de Têxteis para Argentina	54
Gráfico 7 - Exportações Brasileiras de calçados para Argentina	55
Gráfico 8 - Exportações Brasileiras de frango para Argentina	55
Gráfico 9 - Pesquisa quantitativa – Questionário 1	69
Gráfico 10 - Pesquisa quantitativa – Questionário 2	70
Gráfico 11 - Pesquisa quantitativa – Questionário 3	71
Gráfico 12 - Pesquisa quantitativa – Questionário 4	72
Gráfico 13 - Pesquisa quantitativa – Questionário 5	73
Gráfico 14 - Pesquisa quantitativa – Questionário 6	74
Gráfico 15 - Pesquisa quantitativa – Questionário 7	75
Gráfico 16 - Pesquisa quantitativa – Questionário 8	76

## INTRODUÇÃO

Estamos assistindo a uma fase crescente do processo de integração das economias mundiais que é resultado simultâneo de três processos: a globalização econômica e financeira, a internacionalização das empresas e a mundialização cultural dos hábitos e costumes.

Dreifuss assinala que:

A internacionalização diz respeito a uma maior abertura das economias nacionais, que mesmo escoradas na proteção governamental de seu espaço nacional, tem seus motores de internacionalização nas empresas, tanto as domésticas, visualizando o mercado nacional como campo de atuação de referência preferencial, quanto as exportadoras, lançando-se ao mercado externo à procura de comercialização de seus produtos, apesar de ainda ter no mercado interno a sua base de operações. ( 1996, p. 133)

Já a transnacionalização aponta ao comportamento das empresas, especialmente no que tange as novas formas de organização da produção e a divisão internacional do trabalho. Nicolas Daniel Hiernaux, faz reflexões bastante pertinentes sobre a transnacionalização das empresas, quando diz:

A transnacionalização seria a última fase do fordismo, “de superar as fronteiras nacionais” para garantir o bom funcionamento das indispensáveis empresas multinacionais. A transnacionalização implicaria então, a expansão última dos mercados, a reestruturação territorial na qual se podem expressar as novas articulações espaço-tempo (1998, p. 93).

Dreifuss destaca:

A mundialização lida com mentalidades, hábitos e padrões; com estilos de comportamento, usos e costumes e com modos de vida, criando denominadores comuns nas preferências de consumo das mais diversas índoles (1996, p.136)

O princípio teórico é que o mercado é o melhor mecanismo para designar eficientemente os recursos e obter a maior prosperidade, equilíbrio e desenvolvimento, quer dizer, o mercado aparece como o principal mecanismo de funcionamento da economia.

Neste caminho, a abertura ao mundo impõe aos países da América do Sul uma série de alterações nos planos político, econômico e social. O Mercosul surge, então, como uma necessidade dos capitais latinos à internacionalização das suas economias. O aumento das relações intra-regionais na última década reflete as convergências potenciais que estavam na letargia pelo prolongado desencontro histórico no caso da Argentina e do Brasil .

Paulo R. Schilling salienta:

Os militares argentinos e brasileiros – devidamente incentivados pelos imperialismos de turno, inicialmente britânico e depois norte-americano – passaram mais de um século hostilizando-se teoricamente nas fronteiras do Sul, elaborando planos de invasão do Brasil e da Argentina. Esses “jogos de guerra” tiveram desastrosas conseqüências para as economias das zonas fronteiriças. Até hoje, o Rio Grande do Sul tem ferrovia com bitola estreita para evitar a invasão de trens militares argentinos. (1992, p. 122)

Brasil e Argentina são oponentes históricos na região. Os dois países mantiveram-se durante o correr do século XX como os dois principais oponentes na América do Sul. A distensão só começa a ocorrer com o surgimento do Mercosul. (ALMEIDA, 1999).

A construção de um mercado comum regional parece ser uma das alternativas viáveis para melhorar a inserção internacional de cada um dos países que integram o Mercosul. Porém seu futuro não está claramente delineado. Sua concepção e construção posterior têm oscilado entre os modelos alternativos de desenvolvimento, integração e inserção internacional.

Enquanto o primeiro modelo propõe o Mercosul como uma zona de preferências transitórias de intercâmbios, dentro dos quais os mercados refletem, sem interferências do Estado, as forças da geografia e a globalização da ordem mundial, o segundo modelo concebe o Mercosul como uma zona preferente de comércio, dentro da qual os governos e os agentes econômicos e sociais acertam

estratégias e políticas ativas. O objetivo é alcançar metas de desenvolvimento e equilíbrio inalcançáveis somente com o jogo livre dos mercados.

Esta definição se traduz em árduas discussões, acerca do qual deveria ser o alcance do acordo. Embora a opção do Mercosul pareça estar mais próxima do primeiro dos modelos, a modalidade de uma união aduaneira frente a de uma zona de livre comércio, implica num acordo algo mais profundo, ajudando a que a região se conforme como uma área econômica de importância.

Estes aspectos são considerados por Michael Pettis que destaca:

Diferentemente da Nafta sob o qual corporações mexicanas quase certamente perderão lugar para corporações dos EUA em quase todos os setores altamente produtivos, no Mercosul há, em geral uma igualdade de níveis de produtividade que não deve resultar em uma acomodação de indústrias de crescimento mais rápido em benefício de um país específico. É certo que podem ocorrer deslocamentos econômicos desconfortáveis, à medida que as questões de economia de escala e vantagens locais façam com que as empresas mudem de base, mas na medida cada país terá ganhos que compensarão suas perdas (1998, P.2).

Entre os aspectos específicos deste processo de integração, destacamos a proximidade dos países, tanto em termos geográficos como em alguns de seus processos históricos. Estes se manifestam numa aparente semelhança no estado de desenvolvimento quando comparados com outras regiões que adotaram processos de integração similares. Ao mesmo tempo os integrantes do acordo Mercosul mostram características muito dispares. Entre essas podem ser destacadas a população, o nível educacional, a desigualdade na distribuição salarial e a magnitude da pobreza.

Tabela 1: Dados macroeconômicos

<b>País</b>	<b>População</b>	<b>Mortalidade Infantil / 1000</b>	<b>Alfabetização</b>	<b>PIB US\$</b>	<b>PNB US\$</b>	<b>Desemprego</b>	<b>Ranking Mundial</b>
Argentina	35.797.985	19.6	96%	288 bilhões	305.7	14,5%	36º
Brasil	164.511.366	53.4	83%	786,21 bilhões	773.4	7,84%	62º
Paraguai	5.651.634	22.3	92%	8,53 bilhões	10.2	5,40%	91º
Uruguai	3.270.707	14.7	97%	20,83 bilhões	19.4	5,18%	38º

Fonte: Banco Central do Brasil, IBGE, Bacen dos países, Gazeta Mercantil 10 de agosto de 1999 e Folha de São Paulo, 27 de novembro de 1998.

Aparentemente, a adoção de um modelo que dê prioridade aos mecanismos de cooperação entre os países, poderia evitar que o processo de integração regional se transforme num jogo de “soma zero”. Este modelo de integração contribuiria para a especialização produtiva e a geração de vantagens competitivas dinâmicas em cada um dos sócios, ajudando de forma mais efetiva a melhorar as condições de competitividade, incorporação do progresso técnico e distribuição dos salários, atenuando deste modo as situações de pobreza e marginalidade.

Concebido dessa maneira, o mecanismo de integração não deveria ser exclusivamente econômico entre os países. Uma integração social é necessária desde que possa sustentar as bases do modelo de desenvolvimento acertado entre as partes.

Sebastião do Rego Barros, Embaixador do Brasil na Argentina referindo-se às vinculações entre os processos sociais e econômicos do Mercosul, destaca:

A integração não é mais uma questão de opção; tornou-se imperativo, uma necessidade, uma questão de bom senso... O Mercosul para o Brasil é hoje, um tema prioritário, uma estratégia do mais alto interesse nacional.... somos sociedades sem conflitos étnicos ou religiosos; temos capacidade gerencial, escala produtiva, um importante mercado consumidor.... o comércio sempre será o combustível da integração, mas o cimento desse processo é a infraestrutura, pois somente ela lhe confere perenidade e irreversibilidade (1999, p.A-3).

O aspecto relevante que se pretendeu discutir nesta dissertação é a questão da identidade cultural que o Mercosul propõe junto aos alunos do curso de Comércio Exterior, através da inter-relação conteúdo-disciplina. Pretendeu-se, também, buscar o compromisso deste professor como a aprendizagem dos referidos alunos a respeito da identidade mercosulina. Neste caminho marco encontro com Marcos Reigota:

Aprender com alguém significa, no mínimo a presença de duas pessoas. Significa que essa relação poderá ocorrer entre iguais e desiguais, que se traduzem em encontros, parcerias, cumplicidade, solidariedade, criatividade e também o lado inverso e menos prazeroso, como desencontros e desorganização (1999, p.83).

São praticamente inexistentes os trabalhos que apontam nesse sentido. Como professor de Sistemática de Comércio Exterior, muitas vezes deparei-me com uma postura tecnicista nas minhas próprias aulas, onde o conteúdo técnico proveniente da experiência ao longo de 25 anos como profissional de comércio exterior é colocada em evidência, e a questão da identidade de aluno, de ser brasileiro, de ser mercosulino, ficava ausente. Logo a aplicação de uma pesquisa quantitativa constituiu-se num meio “direto” de abordar as concepções dos alunos permitindo-me afirmar a existência fundamental do dizer econômico a respeito do Mercosul. Em outras palavras: o resultado da pesquisa tem como ênfase aspectos econômicos e comerciais, gerando pouca ou nenhuma consciência do processo de formação do bloco. Resta um déficit social, que se reflete através da



participação “limitada” dos alunos enquanto mercosulinos nas respostas colocadas pelo questionário apresentado.

## **Capítulo I**

### **Globalização e Blocos de Poder**

## 1.1 Alinhavos Iniciais

Uma questão da minha dissertação de mestrado é buscar primeiro nas concepções teóricas os argumentos para a compreensão do que são blocos de poder.

O princípio sobre o qual está cimentado o processo de globalização baseia-se no fato de que o mercado aparece como o principal mecanismo para designar eficientemente os recursos e conseqüentemente obter maior prosperidade e desenvolvimento dos atores que estão involucrados neste processo, ou seja, pessoas e corporações. Convém lembrar que os principais fundamentos que indicam o bom funcionamento das economias capitalistas tem como base os seguintes pontos: livre mobilidade de capitais, livre mobilidade de mercadorias, livre mobilidade da força de trabalho e livre capacidade produtiva.

Como explicita Dreifuss:

Ao longo deste século, a otimização possível da combinação de fatores de produção deixa de acontecer dentro de espaços nacionais (como já tinha deixado de sê-lo, no decorrer de séculos anteriores, em cidades ou até em regiões inteiras no interior dos mais variados países, para tornar-se um fenômeno nacional), e passa a ser ditada crescentemente pelos mecanismos e processos que implicam transferência de capacidade produtiva, capital, know how e, em menor grau, trabalho. (1996, p.134).

Globalização é um conjunto cambiante. Ele está definitivamente na moda e designa muitas coisas ao mesmo tempo. Globalização e Mundialização são quase sinônimas. Os americanos falam em globalização. Os franceses preferem mundialização. Internacionalização pode designar qualquer coisa que escape ao âmbito do Estado Nacional.

Para Dreifuss a mundialização:

Lida com mentalidades, hábitos e padrões; com estilos de comportamento, usos e costumes e com modos de vida, criando denominadores comuns nas preferências de consumo das mais diversas índoles. A mundialização compreende a generalização e uniformização de produtos, instrumentos, informação e meios à disposição de importantes parcelas da população mundial. (1996, p.136).

Assim, não se pode confundir globalização com a presença de um mesmo produto em qualquer lugar do mundo. A globalização pressupõe a padronização dos produtos (um tênis Nike, um Big Mac) e uma estratégia mundialmente unificada de marketing, destinada a uniformizar sua imagem junto aos consumidores.

A globalização não beneficia a todos de maneira uniforme. Na prática os produtos exigem menores custos de produção e maior tecnologia. A mão-de-obra menos qualificada é descartada. O problema não é só individual. É um drama nacional dos países mais pobres, que perdem com a desvalorização das matérias-primas que exportam e o atraso tecnológico.

A crise econômica, que não deve ser confundida com as perturbações cíclicas do sistema provocadas pela superprodução, vem acelerando o processo de centralização e globalização do capital, traduzido principalmente pela onda de aquisições, incorporações e megafusões de empresas. Como resultado, seus efeitos têm maior repercussão mundial, assim como as políticas propostas ou impostas como "solução" pelas classes que encarnam os interesses do capital.

O cenário atual está caracterizado pelo avanço da globalização econômica, financeira e comercial defendida pelos organismos internacionais (FMI, Banco Mundial e Organização Mundial do Comércio) com base na ideologia neoliberal. Trata-se de um processo em curso, comandado pelas grandes corporações transnacionais que procuram abrir novos mercados para sua produção e, ao mesmo tempo, recuperar as taxas de lucro, reduzindo seus custos pelo aumento da exploração dos trabalhadores, via redução de salários, aumento das jornadas

de trabalho e eliminação dos direitos dos trabalhadores, atacando as conquistas sindicais e trabalhistas obtidas o desmantelando o chamado Estado de Bem-Estar Social. A globalização tem representado o aumento do desemprego, a precarização dos contratos de trabalho, a informalidade e crescentes ataques aos direitos de organização sindical.

O neoliberalismo surge neste quadro e vem sendo aplicado desde os anos 80 como uma resposta da burguesia ao panorama crítico. Tendo adquirido ares de verdade absolutos após a derrocada do "socialismo real", seu objetivo é, basicamente, elevar as taxas de lucros das empresas multinacionais (revertendo a queda observada nas últimas décadas). Em tese, o aumento dos lucros resultaria na recomposição dos níveis de investimentos e viabilizaria a inauguração de um novo padrão de acumulação e uma fase de crescimento econômico capitalista.

Os sindicatos, em nível nacional e mundial, influem em seu curso. Greves e mobilizações recentes na Europa, Ásia e América Latina revelam que os sindicatos reagem e buscam alternativas para a maneira excludente como a globalização vem se processando. Essa luta ainda resente-se da ausência de um projeto alternativo capaz de se contrapor ao neoliberalismo. Ainda as estratégias e os atuais modelos de organização sindical, criado num período de fronteiras nacional parcialmente protegida, têm sido incapazes de enfrentar, com sucesso, as transformações econômicas em curso.

O crescimento do sistema financeiro internacional constitui uma das principais características da globalização. Um volume crescente de capital acumulado é destinado à especulação propiciada pela desregulamentação dos mercados financeiros. Nos últimos quinze anos o crescimento da esfera financeira foi superior aos índices de crescimento dos investimentos, do PIB e do comércio exterior dos países desenvolvidos. Isto significa que, num contexto de desemprego crescente, miséria e exclusão social, um volume cada vez maior do capital produtivo é destinado à especulação.

As empresas transnacionais constituem o carro chefe da globalização. Essas empresas possuem atualmente um grau de liberdade inédito, que se manifesta na mobilidade do capital industrial, nos deslocamentos, na terceirização e nas operações de aquisições e fusões. A globalização remove as barreiras à livre circulação do capital, que hoje se encontra em condições de definir estratégias globais para a sua acumulação.

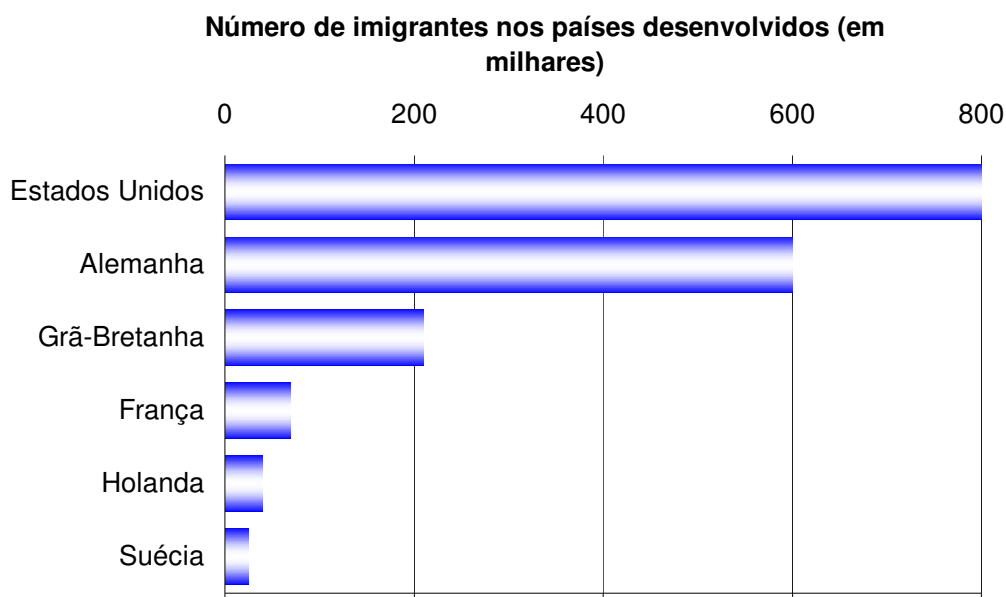
Essas estratégias são na verdade cada vez mais excludentes. O raio de ação das transnacionais se concentra na órbita dos países desenvolvidos e alguns poucos países periféricos que alcançaram certo estágio de desenvolvimento. No entanto, o caráter setorial e diferenciado dessa inserção tem implicado, por um lado, na constituição de ilhas de excelência conectadas às empresas transnacionais e, por outro lado, na desindustrialização e o sucateamento de grande parte do parque industrial constituído no período anterior por meio da substituição de importações.

As estratégias globais das transnacionais estão sustentadas no aumento de produtividade possibilitado pelas novas tecnologias e métodos de gestão da produção. Tais estratégias envolvem igualmente investimentos externos diretos realizados pelas transnacionais e pelos governos dos seus países de origem. A partir de 1985 esses investimentos praticamente triplicaram e vêm crescendo em ritmos mais acelerados do que o comércio e a economia mundial.

Entretanto, se a liberdade de movimentos dos capitais no âmbito mundial tem encontrado cada dia menos obstáculos a seu livre movimento e o mesmo acontece com a liberalização do comércio internacional, cujos obstáculos e barreiras de origem nacional começam a ser desmanteladas, ou pelo menos suavizadas, o capitalismo tem falhado no avanço na liberdade de movimentos dos fatores humanos.

Os estrangeiros que procuram emprego nos países centrais da Europa são alvo de hostilidades e campanhas políticas, mas são cada vez mais necessários do ponto de vista econômico, devido a escassez de mão de obra barata. Alguns políticos começam a preocupar-se com o problema da estabilidade da mão de obra na Europa. O primeiro-ministro Gerhard Schroder defendeu a contratação de 20 mil especialistas estrangeiros em software, que deverão ser recrutados na Índia e no Leste Europeu. Em fevereiro de 2000, o ministro de trabalho da Espanha reforçou os pedidos por um aumento da imigração de trabalhadores não qualificados: “precisamos de pessoas para os trabalhos que os espanhóis não mais desejam fazer” (Gazeta Mercantil, 21 maio 2000).

Gráfico 1 – Imigrantes nos países desenvolvidos



Fonte : OECD/The Economist

## 1.2 O Conceito de Bloco de Poder

O conceito de “**bloco de poder**”, pode ser entendido somente se conhecermos a sua complexidade que é expressa pela “organização de ideais”, nos quais estão inseridas dialeticamente as organizações dos interesses político, econômico e ideológico, e acordos supranacionais.

É de fundamental importância, saber que nenhum bloco será perfeitamente compreendido se não forem analisados a dinâmica das interseções das múltiplas esferas e dimensões e os aspectos históricos, e como o poder vai sendo reformulado. Basicamente há 3 grandes blocos de poder já constituídos e um emergente.

Tabela 2 – Influência dos blocos

<b>BLOCOS</b>	<b>LIDERANÇA</b>
Americano	Estados Unidos
Europeu (incluindo a Rússia)	Alemanha, França, Itália e Reino Unido
Japonês	Japão e a China emergente
Latino-americano	Brasil

Os blocos americano, europeu e japonês é que ditam as regras do jogo de poder, e delimitam as áreas de influência dos centros desenvolvidos e as periferias subdesenvolvidas, começando pela divisão da Europa entre a OTAN e o Pacto de Varsóvia.

A nova ordem mundial que, atualmente, é configurada por esses blocos e suas lideranças nos leva a considerar uma modificação na divisão internacional do trabalho (DIT) em escala mundial, com a alternância dos ciclos produtivos centrada na produção ampliada de bens de produção para um regime intensivo, cujo objetivo é o crescimento do consumo de massa e de acumulação de riqueza.



Quanto à divisão do trabalho, Georges Benko revela que:

A divisão internacional de trabalho (DIT), é determinada por companhias transnacionais que operam simultaneamente num processo incalculável de países diferentes e inclusive realizam freqüentemente suas transações internacionais no seio de seu próprio grupo, de modo que as grandes empresas tem à sua disposição uma rede internacional de departamentos de sua propriedade (1998, P.55).

No período da Guerra Fria, o desenho geográfico do mundo, foi pautado pelo predomínio militar de duas grandes potências: Estados Unidos e União Soviética. Os Estados Unidos tomaram a iniciativa de promover e sedimentar seu modus-videndi através de uma política democrática naquelas nações que estavam sob sua influência.

Essa política hegemônica tinha o objetivo de fazer um muro de contenção regional e sub-regional e mesmo continental para os movimentos políticos, econômicos e militares da União Soviética. O regime político-militar mundializado e globalizador centrado nos Estados Unidos foi complementado pelo sistema monetário internacional, instituído em Bretton Woods. Essas duas redes de poder perfeitamente conectadas, permitiram aos Estados Unidos assumir a hegemonia na regência do sistema globalizado, cujo alcance foi além do que foi conseguido pelos holandeses no século XVII e pelos britânicos no século XIX.

Para conseguir o objetivo proposto, os Estados Unidos, dividiram seus esforços em duas áreas de atuação: O foco geopolítico e o foco geoeconômico.

O **foco geopolítico**, visava a desestabilização e desarticulação de possíveis forças que pudessem apoiar a União Soviética, não importando se para conseguir tal fim, pudesse interromper os processos democráticos dos países com economias emergentes, pela ação ativa, direta ou indireta em todos os espaços onde pudesse atuar.

Em Dreifuss :

Para os norte-americanos, as determinantes geopolíticas de ação incluíam duas vertentes: A contenção da presença militar das forças do Pacto de Varsóvia dentro dos “limites cristalizados nos acordos entre Stalin, Roosevelt e Churchill (posteriormente reformulados no período Khrushchov-Kennedy, após a “Crise dos mísseis” em Cuba; e o roll-back político-propagandístico dos soviéticos e seus aliados. (1996, p.264).

O **foco geoeconômico** tinha como finalidade a instauração de um eixo capitalista usando suas bases do oriente (através do Japão) e da Europa Ocidental, construindo um anel político, econômico, militar e cultural. O Plano Marshall foi o propulsor dessa política.

Já a União Soviética definiu sua política de atuação reativa e tática, questionando o bloco dominado pelos Estados Unidos e seu plano capitalista. Com ajuda dos países de sua área de influencia, estabeleceu “pontas de lança” longe de seu território procurando pressionar os Estados Unidos por vários meios, seja fornecendo apoio logístico e material de guerra para ações de guerrilha na América Latina e Cuba, ou acendendo problemas fronteiriços entre a China e o Vietnã.

Com a doutrina de Gorbachov surge a reação natural da elite dominante soviética. A Perestroika significava a ruptura da divisão convencional, não somente no Leste e Oeste mas também da Europa e da Ásia, numa redefinição das fronteiras e regimes internos. Essa política da União Soviética também tinha como objetivo ampliar as questões estratégicas geopolíticas descentralizando o poder que detinha e transferindo a responsabilidade para outros Estados para que estes assumissem rapidamente um modo de vida capitalista e geoeconômico visando a criação de uma infra-estrutura e a modernização dos setores econômicos cuja obsolescência era marcada pelo controle burocrático e a centralização.

Ao abordar as conseqüências da Perestroika, Dreifuss argumenta que:

As linhas de continentalização eurásiana estão sendo pautadas por vários acontecimentos concomitantes e processos interconexos, muitos dos quais são fantásticos desdobramentos da Perestroika, que se realizou (e esgotou) muito além do desígnio inicial. A Europa Oriental deixou de ser uma unidade militar (Pacto de Varsóvia) e econômica (Comecon) e, mais ainda, deixou de ser comunista (1996: p.282).

Ao observar numa rápida visão histórica a divisão do mundo contemporâneo após a Segunda Guerra Mundial, basicamente composto de dois blocos de poder político e militar, com características geoeconômicas e geopolíticas que estão marcadas por mudanças, podemos afirmar que entre os dois **blocos de poder** surge um emergente - o Japão, e outro em processo de mudança e (re) fortalecimento - a Europa Ocidental (especificamente a Alemanha, a França, a Itália e o Reino Unido, na ordem seqüencial). Ambos são respostas à hegemonia americana.

### 1.3 A União Européia, o Japão

A União Européia desde a assinatura do Tratado de Roma, ocorrida em 1957, não cessou um só instante na busca da unificação global das políticas do espaço europeu. Embora com as dificuldades de unificação de todos os países, diante de velhas pendências e o surgimento de novas diferenças entre os países-membros, seus frutos são bem visíveis, uma vez que os objetivos e diretrizes propostas pelo tratado estão sendo cumpridos paulatinamente. Uma das diretrizes foi estender a livre circulação de mercadorias, capitais e pessoas, realidade vivida desde 1º de janeiro de 1993.

Entre os blocos internacionais de poder o “bloco europeu ocidental” representa o grupo mais avançado, devido à união das políticas institucionais, políticas e macroeconômicas, que são explícitas entre várias Estados-Nações. É preciso notar, entretanto, que para chegar ao processo de integração total, o bloco europeu passa ainda por vários obstáculos de natureza supra nacional.

Ao abordar as áreas de civilização européia e ocidental, Roland J.L. Bretton diz textualmente que:

O processo da unidade européia está fortemente determinado, muito mais forte, séria, fundamental e irrevogavelmente do que qualquer outra unidade continental ou subcontinental iniciada em outra parte: árabe, africana, americana, andina, etc. A partir da solução de problemas econômicos, os europeus ocidentais sabem que já constituem um bloco econômico igual aos Estados Unidos, e superior a eles, por sua atividade comercial. E a perspectiva de voltar a ser campo de batalha para outros estimula-os a procurar ser um bloco político independente” (1990, P.96).

A estratégia da União Européia (EU) é buscar uma autonomia maior frente aos Estados Unidos, embora esteja subordinada política e militarmente a esse país. A unificação tem como função também associar as grandes empresas em projetos comuns para acompanhar os novos paradigmas tecnológicos vigentes nos Estados Unidos e no Japão.

O bloco de poder União Européia se manifesta pelo seu avanço comercial em direção aos países do leste (ex-socialistas), uma vez que busca nesses países uma alternativa para conquistar novos mercados e também novas fontes de suprimento de matérias primas, com isso reduzindo o grau de dependência dos países do Oriente Médio, não deixando que a Rússia fique isolada econômica e politicamente nessa integração.

Costa, refletindo sobre o contexto mundial da União Européia diz:

Não é de hoje que ela (Alemanha), enquanto membro da CEE com a economia mais sólida volta-se para os países do Leste. A recente abertura desses países tem tido o maior interesse por parte dos empresários e banqueiros alemães, que são os maiores investidores, especialmente na República Tcheca que teme se tornar uma nova colônia alemã (1994, p.41).

Com base nessa análise, podemos concluir que a consolidação desse bloco de poder na Europa Ocidental é fundamentalmente capitalista, como saída mais eficaz para a crise política, econômica, social e cultural instalada. O papel da Alemanha como líder dessa união é também estratégica para buscar um

posicionamento frente a outros estados já consolidados, Estados Unidos e o Japão, e assim fortalecer uma nova “**ordem do capitalismo**”.

Quanto ao Japão e sua “área periférica” de influência, os chamados “Tigres Asiáticos”, ainda não está constituído num estágio de bloco econômico efetivo, mas existem traços de identidade cultural, que é um elemento fundamental para o processo gradual de integração e padrão capitalista naquela área.

É importante voltar ao contexto histórico para encontrar as raízes que formaram esse novo bloco de poder. O Japão junto com a China representam o poder hegemônico naquela região com dois núcleos político-econômico hegemônicos. O Japão sofreu grande influência do imperialismo chinês, através de varias vertentes, como as grandes dinastias chinesas (Chin, Han, Tang, Ming); no aspecto religioso, o confucionismo, budismo estão presentes. Entretanto, o Japão apresenta certas características que o diferenciam da China, no aspecto político-administrativo: o relativo fechamento da aristocracia, nos moldes feudais e a sua tradição militar através das castas de guerreiros samurais. Além disso o Japão foi o único país na Ásia que não sofreu a invasão da Mongólia e talvez um dos únicos territórios do mundo, se não o único a não sofrer a influencia do colonialismo ocidental, conforme Costa :

A resistência dos japoneses ao domínio político-econômico ocidental é, entretanto, um fator de extrema relevância. Grande parte do sucesso econômico da era Meiji, quando o Japão incorporou-se definitivamente às relações capitalistas de produção, deveu-se à necessidade de contrapor à invasão de mercadorias ocidentais o fortalecimento de um capitalismo nacional, para o que se conjugaram muitos dos elementos anteriormente mencionados, como o nacionalismo, a centralização estatal, o militarismo e a ética confuciana (1994, p.56)

A ascensão e reestruturação da economia e da sociedade japonesa ocorrem no período pós-guerra quando sofrem grandes mutações nos fatores de ordem (geo) política, econômica, cultural, como se seguem de maneira resumida:

**Fatores (geo) políticos:**

- posição geográfica estratégica do arquipélago como ponte abastecedora dos Estados Unidos para controlar a expansão comunista e o avanço do socialismo.
- Estabilidade política assegurada pelo domínio do Partido Liberal Democrata ( PLD).
- Legislação trabalhista e o controle sobre a força de trabalho pelo Ministério da Indústria e Tecnologia (MITI).
- Expansão internacional para assegurar fontes de suprimento (entre eles o Brasil no setor mineiro).

**Fatores econômicos:**

- Fortalecimento do mercado interno e estímulo à poupança como estratégia para fazer frente a problemas com o comércio exterior.
- Escala relativa baixa dos salários.
- Aquisição maciça de tecnologia do exterior.

**Fatores culturais:**

- Herança da filosofia confuciana cujo preceito básico é a ética
- Resgate da autoconfiança nos valores nacionais
- Integração/racionalidade social e funcional com rigorosa hierarquia

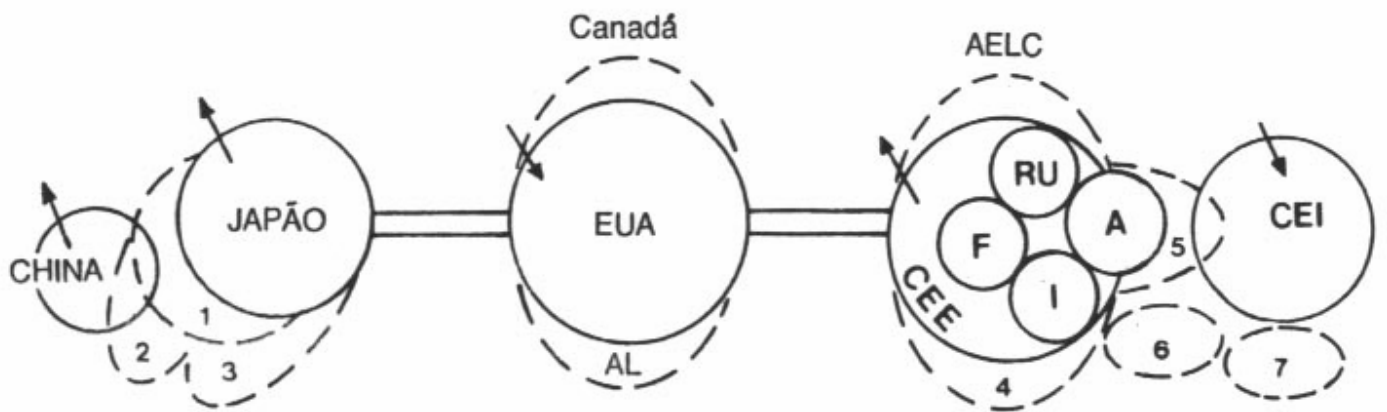
O novo imperialismo japonês se manifesta pelos seus crescentes investimentos no exterior com as chamadas “áreas prioritárias de interesse”, para o fornecimento de matérias primas, e zonas estratégicas para a descentralização da produção, assim diminuindo a pressão da concorrência industrial.

O Japão continua sua potencialização regional, contornando a relativa fragilidade estrutural, partindo do seu potencial tecnológico assim buscando vincular suas demandas políticas e econômicas, através de suas “periferias imediatas” que são constituídos pela Coréia do Sul, Taiwan, Hong Kong; “periferia secundária” por Singapura e a “periferia privilegiada” formada pela Austrália e Nova Zelândia.

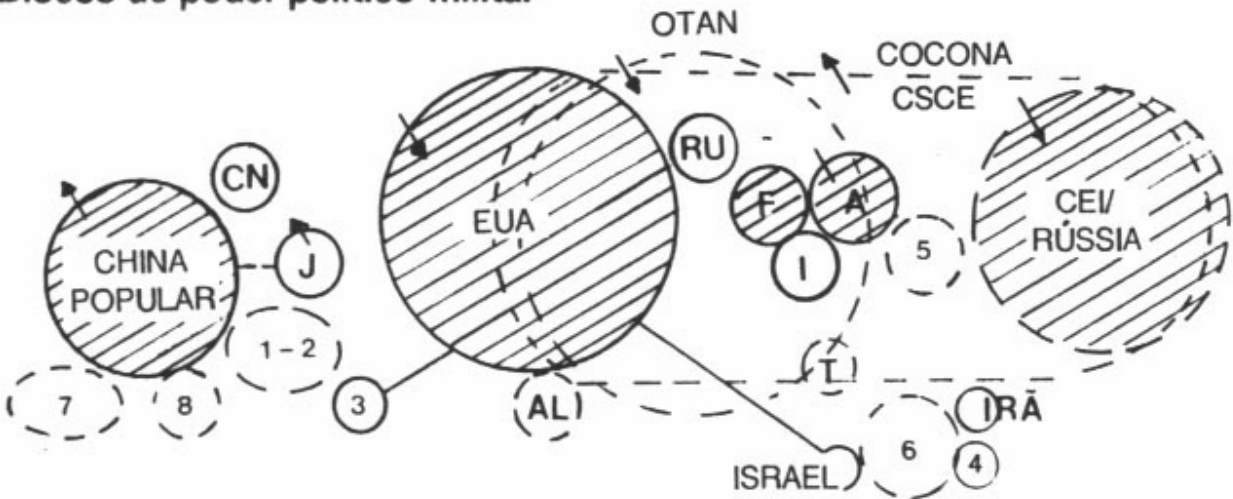
A ascensão do Japão à potência industrial e financeira de importância global, transformou a relação anterior de vassalo político e econômico dos Estados Unidos numa relação de mútua vassalagem. O Japão continua dependendo da proteção militar dos EUA, mas a reprodução do aparato produtivo e protetor norte-americano veio a depender mais criticamente da indústria e finanças japonesas.

Os esquemas apresentados a seguir, usurpados de Costa (1994, p. 22, 24 e 25), reiteram visualmente o priorizado até agora. Deixam menos claudicantes os vários vieses do meu raciocínio.

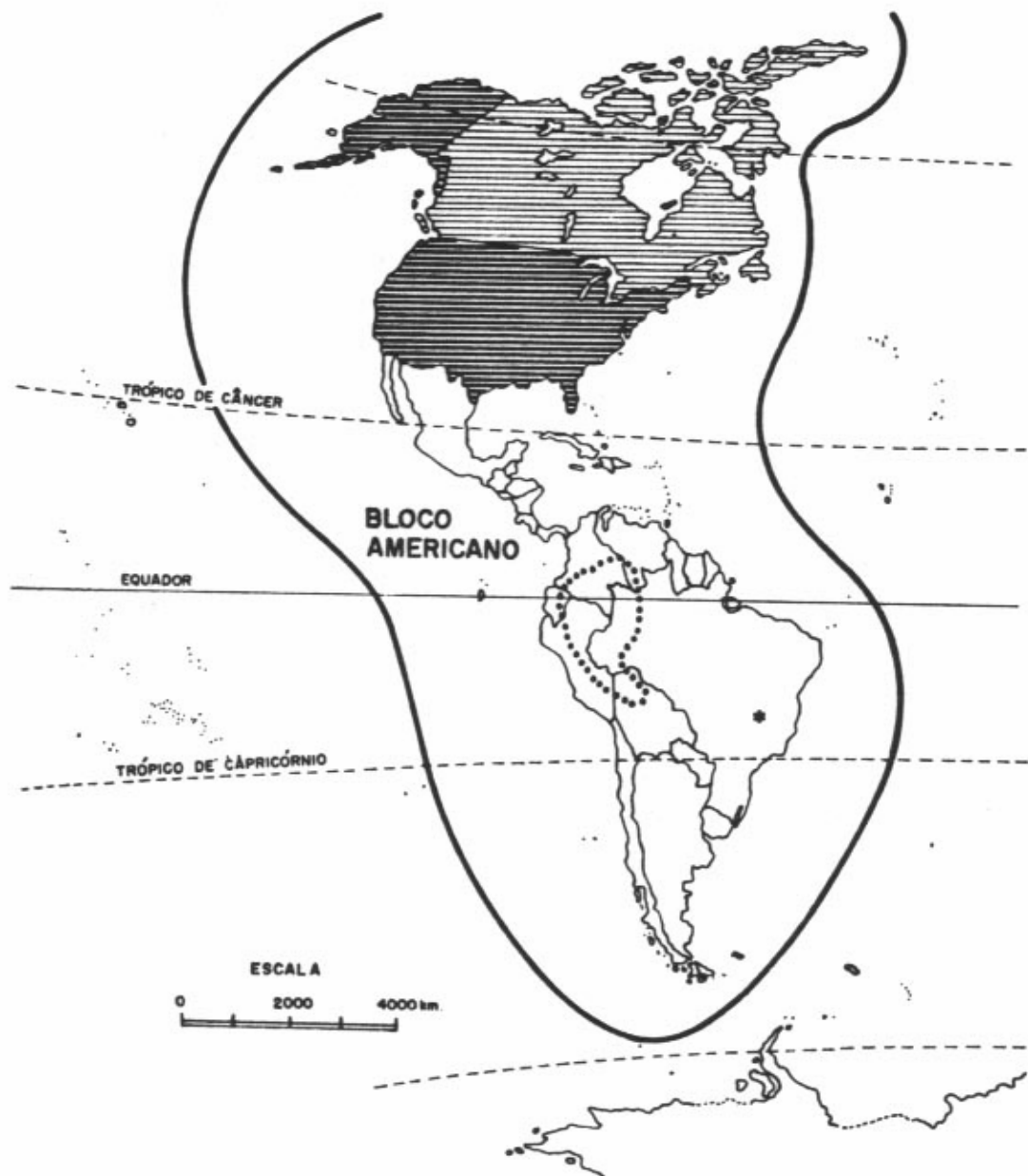
### 1. Blocos de poder econômico




### 2. Blocos de poder político-militar

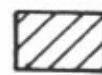






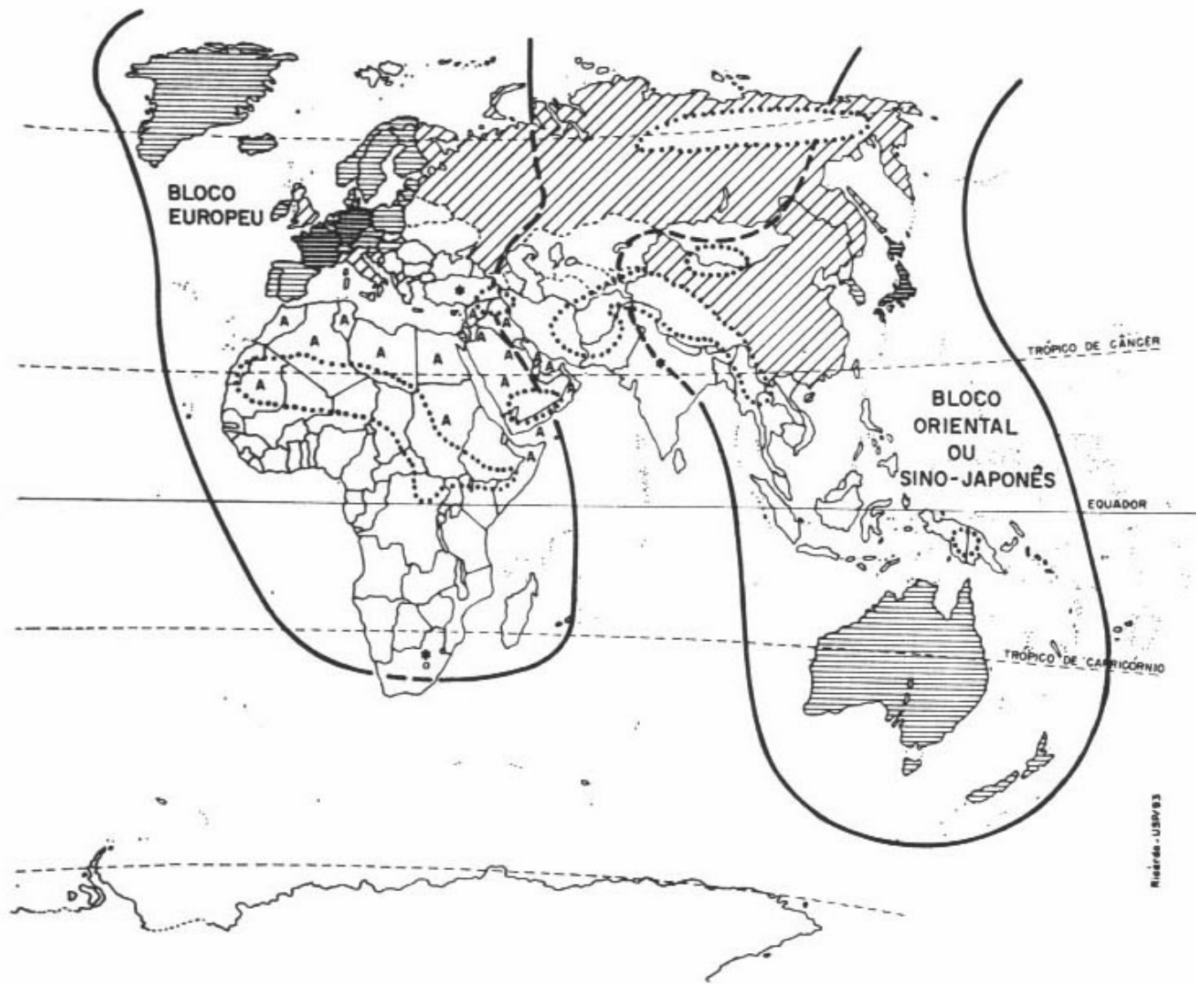
### OS PRINCIPAIS BLOCOS INTERNACIONAIS DE PODER


 Estados-núcleo principais  
(EUA, Japão, Alemanha e França)

 Estados-núcleo secundários  
(em ascensão ou declínio)

 Periferias secundárias

\* Centros regionais de poder



 Periferias imediatas ou principais  
 (nível social mais elevado)

 Regiões isoladas ou pouco integradas  
 à rede mundial

**A** Estados membros da  
 Liga Árabe

## 1.4 A Acumulação Flexível

Como se processam os avanços desses blocos para tornarem-se hegemônicos? A acumulação flexível de capital dentro de suas áreas de influencia periféricas, é a resposta.

David Harvey ao explicar a acumulação flexível diz:

Acumulação flexível como vou chamá-la, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado "Setor de serviços" (1989: p.140)

Cabem suspeitas sobre o limite do capitalismo. O capitalismo é por natureza expansivo, porém, se as forças que fazem crescer o capital, a acumulação do capital e sua rentabilidade, não impulsionam no mesmo sentido e com o mesmo ritmo a expansão do emprego no âmbito mundial, podemos aceitar que estão sendo criadas brechas crescentes entre a população integrada mundialmente ao circuito capitalista e a população que permanece fora desse circuito, quer dizer a população marginalizada.

Como exemplo extremo de disparidade e injustiça social podemos tomar a Nike, que é uma empresa de artigos esportivos. Efetivamente esta empresa possui, entre outras, seis fábricas de tênis no Vietnã, onde produz uma parte significativa dessa mercadoria. O salário médio oscila em torno de 1,7 dólar diário para o trabalhador da fábrica, que são perto de 6 mil. Se considerarmos aproximadamente 300 dias laborais ao ano, o custo ascenderia a US\$ 3.060.000,00 / ano.

Já o conhecido jogador de basquete americano M. Jordan, elevado à categoria de representante por excelência do grande e novo império esportivo cultural e comercial tornou-se a peça fundamental para a acirrada batalha comercial entre os grandes fabricantes de tênis como Nike, Converse e Adidas.

Nenhuma empresa deu tanto dinheiro a Jordan e também nenhuma outra se beneficiou tanto de sua carreira quanto à Nike. Em 13 anos, a empresa pagou US\$ 130 milhões pelo uso de sua imagem. Como contrapartida, o jogador ajudou a derrotar a Reebok e a assumir a liderança mundial do mercado de Tênis. Claro que Jordan não foi o único responsável pelo êxito da companhia, mas se, em 1984 a empresa lucrou US\$ 919 milhões, em 1997 os lucros saltaram para US\$ 9 bilhões. Nesse momento a Nike deixou de ser uma empresa pequena entre as grandes. Sua marca estava em todo o planeta e passou também a alimentar críticas sobre as práticas trabalhistas de empresas americanas no Terceiro Mundo. A Nike foi acusada de pagar salários desumanos inferiores a dois dólares por dia no Vietnã e de explorar mão de obra infantil .(HALBERSTAM, 2000)

Acoplando um outro exemplo:

Quatro bancos federais brasileiros tinham em setembro de 1999, 38,5% dos ativos de 195 instituições do setor bancário do país: o equivalente a US\$ 149,91 bilhões..... juntos, os ativos dos bancos com participação ou controle estrangeiro e das filiais de instituições internacionais somavam US\$ 121,3 bilhões (39,7%). É uma fatia que cresceu bastante nos últimos anos com a expansão da operação de alguns bancos estrangeiros que já operavam no país..... O pedaço dos estrangeiros no bolo poderá crescer ainda mais caso um deles seja vencedor do leilão do Banco do Estado de São Paulo, instituição pública que deverá ser privatizada em maio. O executivo federal autorizou que o capital internacional compre até 100% do banco..... “O governo precisa de capital externo para cobrir suas contas e os estrangeiros querem investir aqui (MANCINI, 21 maio 2000)”.

Afirma David Harvey que:

A acumulação flexível evidentemente procura o capital financeiro como poder coordenador mais do que o fordismo fazia. Isso significa que a potencialidade de formação de crises financeiras e monetárias autônomas e independentes é muito maior do que antes, apesar de o sistema financeiro ter mais condições de minimizar os riscos através da diversificação e da rápida transferência de fundos de empresas, regiões e setores em decadência para empresas, regiões e setores lucrativos ( 1989, p.155).

A acumulação flexível também se manifesta por novos sistemas de coordenação, implantados através de uma variedade de arranjos de sub-contratação (terceirização) que ligam pequenas empresas com empresas multinacionais, a operações de larga escala produtiva, onde as economias se conglomeram através de novos conjuntos produtivos, cujo domínio é exercido por poderosas organizações financeiras ou de marketing.

Um exemplo disso é a Benetton, uma gigante italiana da indústria do vestuário, que é uma potente máquina de marketing, e que adota como estratégia campanhas publicitárias e produção de fotos polêmicas bem como a participação de carros de corrida na Formula 1 para reforçar sua marca e imagem. Não produz nada: contando com uma equipe mundial de designers do mundo da moda apenas transmite ordens para um amplo conjunto de produtores independentes que fabricam sua grife.

O capitalismo está estruturado e organizado através da dispersão dos fatores de mobilidade de trabalho, processos produtivos e mercados consumidores, acompanhados de inovação tecnológica, de produto e institucional. Assistimos a uma valorização das informações, precisas e atualizadas, conforme ressalta Harvey (1989, p.151) “O acesso à informação, bem como seu controle, aliados a uma forte capacidade de análise instantânea de dados, tornaram-se essenciais à coordenação centralizada de interesses corporativos e descentralizados”.

Harvey (1989, p.150) explicita que a desregulamentação (outro slogan político da era da acumulação flexível) significou muitas vezes um aumento da monopolização (passada uma fase de competição intensificada) em setores como empresas de aviação, energia e serviços financeiros. “Num extremo da escala de negócios, a acumulação flexível levou a maciças fusões e diversificações corporativas” .

Essas fusões se materializam na reformulação das bases de produção das economias avançadas de uma nova economia produtiva planetária que privilegie a Tríade (Estados Unidos, Europa Ocidental e o Japão), como centro produtor dinâmico.

No dizer de Dreifuss:

Seus parques científico-tecnológico-produtivo, integrados de ponta, consolidam-se. Novas regras para o comércio internacional e transnacional são estabelecidas com o alargamento e o aprofundamento da defasagem científico-tecnológico em relação aos países do eixo Sul-Sul (1996, p.223).

Um dramático editorial intitulado A Era das Fusões, publicado em setembro de 1995 no jornal O Estado de S. Paulo, alertava:

Cresce a onda de fusões no mundo, pondo em risco o emprego. Há um quê de 'loucura' na desabalada corrida das fusões, contagiando sociedades que não acompanham as transformações e vêem os salários emagrecer (...) A globalização empurra para frente as fusões, e essas empurram os homens; para onde, não se sabe. Os valores estão em crise. A classe média, ferida, avança ou se proletariza. É possível acreditar que se vai chegar a um porto seguro?

Naquele mês as fusões de grandes empresas atingiram, só nos Estados Unidos, a cifra de 411 bilhões de dólares. À pergunta de como ficaria o cidadão americano em meio a tudo isso, o jornalista Tom Petruno respondeu: "Provavelmente sofrendo um agudo problema de insegurança"...Gigantescas empresas dos setores de telecomunicação, finanças e entretenimento continuaram a se fundir nos anos de 1996, 1997, 1998, 1999, 2000. (O Estado de São Paulo, setembro 1995).

Postos todos esses alinhavos sobre a globalização e os blocos de poder, o objetivo passa a ser o Mercosul.

**Capítulo II**  
**O MERCOSUL**

## **2.1 O Projeto**

Os países da América do Sul vêm buscando a integração de suas economias com o objetivo principal de promover o desenvolvimento equilibrado e harmônico dos países membros e acelerar seu crescimento mediante a integração econômica. Para tornar isso possível, os países membros adotaram um programa de ações conjuntas, intensificando o processo de industrialização sub-regional e execução de programas setoriais de desenvolvimento industrial

Associações de países são atualmente, denominadas de blocos econômicos, tendo como principal característica a integração das economias regionais, pela abertura do mercado de cada país aos parceiros, a redução das barreiras tarifárias e não tarifárias, os acordos governamentais de toda ordem, culminando com os joint-ventures, fusões e/ou aquisições dos países membros. Como resultado deve ocorrer a livre circulação dos fatores produtivos e a facilitação do trânsito dos agentes econômicos, promovendo o crescimento das relações comerciais entre os países-membros, com conseqüente geração de riquezas para a região.

O Mercosul é um projeto integracionista que vem se desenvolvendo desde meados dos anos 80, a partir das primeiras tentativas de cooperação econômica entre dois dos quatro países, que o Brasil e a Argentina. Entretanto, somente assumiu sua primeira conformação institucional na década de 90. Entre 91 e 94, houve uma fase de transição, momento no qual o Mercosul, poderia ser descrito apenas como um processo, porque o tratado indicava apenas a constituição de um mercado comum entre os quatro membros.

A idéia original do Tratado de Assunção, assinado em 26 de março de 1991, tinha como objetivo formar um mercado comum englobando comércio, serviços, cooperativismo nos planos econômico, político, cultural, direcionando seus objetivos aos valores de democracia, liberdade, igualdade social e



modernização, sempre mantendo a idéia principal de uma plataforma aberta, comum e flexível para uma melhora na capacidade de negociação e competição internacional. É a metodologia do trabalho conjunto pactuado na disciplina coletiva voluntária, porque é do âmbito de nação que se constitui a região.

Com a criação do Mercosul, conjetura-se sobre o desenvolvimento de estratégias de múltiplos acordos e alianças, no qual cada país participante encontra um ambiente aberto para expor toda a sua capacidade de competição e negociação, inerentes aos participantes de um mundo globalizado.

A idéia de **Zona de Livre Comércio**, que é a primeira etapa do caráter integracionista, começa a ser complementada pelo estabelecimento de uma política comercial conjunta, onde os países associados concordam em eliminar, progressiva e reciprocamente, os gravames e outros obstáculos incidentes sobre os produtos negociados entre eles. Cada país-membro, porém, possui ampla liberdade no que se refere à sua política interna, bem como no tocante à política comercial com os países não associados.

O projeto Mercosul, constitui o tema de maior importância política nas relações externas dos quatro membros originários. Dentro do âmbito integracionista, concentra-se grande parte dos interesses nacionais e para onde devem apontar os esforços de modernização e de inserção internacional. É importante ressaltar que um processo de integração não resolve todos os problemas concernentes ao desenvolvimento, mas representa um reforço considerável no poder de troca dos países participantes.

Contudo, o Mercosul pressupõe antes de qualquer coisa, o sistema democrático de governo deixando de ser um projeto de interesse somente da ordem econômica ou um esquema comercial, para ser uma nova forma de organização política e social.

## 2.2 Histórico

O Mercosul desenvolve-se dentro da tendência mundial que estabelece sistemas econômicos regionais, representados por blocos que concentram esforços para conquistar condições mais favoráveis para os Estados-membros.

A tentativa de formar blocos econômicos regionais na América Latina remonta à criação da Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC) criada em 18/02/1960, pelo Tratado de Montevideu e composta pela Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela. Tinha como objetivo uma zona de livre comércio e obedecia a interesses político-ideológicos norte-americanos em relação à guerra fria. Entretanto, durante a existência da ALALC, o comércio intra-regional ampliou-se em 20 vezes.

Frente às dificuldades surgidas na liberação do comércio da ALALC e da solidificação do autoritarismo militar, os países da Costa do Pacífico decidiram criar em 26/05/1969 em Cartagena, Colômbia, o Acordo de Cartagena (Bolívia, Colômbia, Equador, Peru, Venezuela e Chile), com o objetivo de promover a cooperação entre seus membros, visando o Acordo de Integração Econômica Sub-Regional, também chamado de Pacto Andino e atualmente CAN (Comunidade Andina)

A ALADI (Associação Latino-americana de Integração) foi criada em 12/08/1980 e constituída pelos mesmos 11 países do Alalc, com o objetivo final de criar um mercado comum. Um dos pontos do tratado, levado em conta, foi o apoio aos países menos desenvolvidos para aplicação de tratamentos diferenciados. Os países membros foram classificados em 3 grupos:

- a) Países de menor desenvolvimento econômico relativo – Bolívia, Equador e Paraguai;
- b) Países de desenvolvimento intermediário – Colômbia, Chile, Peru, Uruguai e Venezuela;

c) Países de maior desenvolvimento – Argentina, Brasil e México.

Embora o objetivo proposto de integração era de médio a longo prazo, a ALADI apresentou os mesmos problemas da ALALC e não prosperou.

Assim, devido às crescentes dificuldades que os países latino-americanos começaram a enfrentar no plano externo (principalmente devido à dívida externa), com relação à formação de outros blocos econômicos e aumento do seu protecionismo, o processo de integração tomou um novo rumo, adquirindo uma nova dimensão

A origem do Mercosul está nas inúmeras tentativas integracionistas vividas pela América Latina e que terminaram em querelas por interesses menores. Em 1985, os governos brasileiro e argentino, saídos de eleições democráticas, enfrentavam a necessidade de reorientar suas economias e avançar em uma inserção de novo tipo na economia mundial.

O enorme peso da dívida externa contraída nos anos anteriores, a falta de novos créditos, a necessidade de grandes investimentos na tarefa de modernização se fizeram inevitáveis na metade da década de 80, obrigando os dois países a enfrentar de maneira unida os objetivos da reconversão.

Esse desejo de esforço e energia comuns levou os presidentes Sarney e Alfonsín a assinar em 1986 o Programa de Integração e Compensação Econômica e os doze primeiros protocolos específicos com o fim de promover a abertura dos dois mercados. Em 1988, consolidando o processo, Argentina e Brasil assinaram o Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento, estabelecendo um prazo de dez anos para integração econômica entre eles. Nos três anos que se seguiram, foram assinados mais vinte e quatro protocolos englobando as mais diferentes áreas. A “Acta de Buenos Aires” de 6 de julho de 1990 fornece as bases para a globalização no âmbito tributário.

A experiência do Mercosul é ainda incipiente. Somente em 1991 o bloco econômico foi criado formalmente com a entrada em vigência do **Tratado de Assunción**, quando os respectivos parlamentos aprovaram o texto assinado o dia 26 de março de 1991.

Um fator preponderante e facilitador dessa integração dos países do sul são, sem dúvida, a proximidade física e cultural dos mesmos. A Integração na realidade começou com o acordo de recursos hídricos (Argentina e Brasil).

Destaca Félix Peña, no documento de trabalho “MERCOSUR, una idea con fuerza”:

Se trata en realidad de una experiencia que tiene raíces históricas profundas, políticas e económicas, en el relacionamiento bilateral de la Argentina y el Brasil, y en el tradicional papel preponderante en el Cone Sur. Si bien hubo antes momentos en que los dos países parecían dispuestos a encarar una alianza estratégica para facilitar su inserción en el mundo, especialmente en 1958, es recién a partir del acuerdo tripartito sobre recursos hídricos compartidos, en el que también participa el Paraguay, firmado en 1980, y en especial, a partir del restablecimiento de la institucionalidad democrática, que se inicia el actual proceso de creación gradual de una interdependencia económica de signo predominantemente cooperativo (1999).

O tratado contempla, também um sistema de salvaguardas inicial para os produtos e serviços mais sensíveis de cada país, porém passos preparatórios foram dados com vistas à concretização de um **Mercado Comum do Sul**, onde superada a fase da união aduaneira, atingir-se-á uma forma mais elevada de integração econômica, em que serão abolidas não apenas as restrições sobre os produtos negociados, mas também as restrições aos fatores produtivos (trabalho e capital).

Assim, a partir de 1º de janeiro de 2005, Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai irão formar um **Mercado Comum**, compartilhando consumidores, produtores, tarifas externas, políticas macroeconômicas e fatores de produção, As exceções serão os setores de informática e telecomunicações. Contudo somente em 2006 a união aduaneira entre os quatro países será perfeita.

Em 1990 os presidentes Menem e Collor assinaram a Ata de Buenos Aires, ocasião em que foram introduzidas algumas mudanças, projetando-se na ocasião para 1995 a eliminação das barreiras alfandegárias entre os dois países.

O Paraguai e o Uruguai foram convidados a participar no processo de integração , formalizando seu ingresso em março de 1991, constituindo-se, por fim, o Mercosul.

Em dezembro de 1994, em Ouro Preto - Brasil, foi realizada a última reunião de cúpula do Mercosul onde foi firmado o Protocolo de Ouro Preto pelos presidentes e ministros dos quatro países, um adendo ao Tratado de Assunção, dando personalidade jurídica ao bloco que atuará como organismo único perante outros blocos econômicos, firmando posições. Foram acertados detalhes técnicos e políticos pendentes.

Como primeira etapa, os países signatários fixaram o estabelecimento de uma **União Aduaneira** que implica a eliminação dos direitos aduaneiros de importação e exportação entre os Estados-membros. Isso significa que os impostos e taxas devem ser definidos conjuntamente pelos quatro países e o dinheiro arrecadado será admitido ao bloco interno; essa etapa entraria em vigor a partir de 1º de janeiro de 1995. Outra decisão foi a prática de um programa de desagração tarifária linear e automático, com o objetivo de concretizar o livre comércio das mercadorias intra-regionais, em dezembro de 1994; o aspecto fundamental desta etapa é a formulação de regras que definem a origem dos produtos comercializados. Em terceiro, desenvolveu-se uma tarefa destinada a identificar e eliminar restrições não tarifárias que dificultavam a livre circulação de bens, isto é, o mercado comum. Esta etapa deverá conter a concessão de cinco liberdades: I – livre circulação de mercadorias; II – liberdade de estabelecimento; III – livre circulação dos trabalhadores; IV – circulação de capitais; V – liberdade

de concorrência no âmbito do mercado comum. Está prevista para depois de 2006.

O processo de integração do Cone Sul busca a reestruturação do sistema de capital e o intercâmbio de tecnologia, visando ao fortalecimento enquanto bloco, para garantir o desenvolvimento já constatado dessa região. Sabemos, no entanto, que toda a integração é um processo delicado, pois envolve países diferentes com histórias e políticas diferentes. Não sendo, portanto, um processo harmônico e fácil com um tramite ordenado.

Com uma população conjunta de mais de 200 milhões de pessoas, um PIB que supera os US\$ 1 trilhão, cobrindo uma superfície de 12 milhões de km quadrados (quer dizer, 70% da América do Sul), com recursos agrícolas e minerais de importância planetária e uma ampla variedade de climas e topografias.

o Mercosul foi estabelecido em 1995 como uma união aduaneira. Eixos básicos do projeto são a tarifa externa comum e uma comercialização interna que tende à livre circulação. Com a adesão do Chile e da Bolívia, na qualidade de associados, o bloco se converteu na experiência integracionista de maior êxito na América do Sul.

O Mercosul diante de sua peculiar posição, e possuindo dimensões territoriais e demográficas enormes, é um dos mais importantes blocos do mundo atual. O potencial de crescimento é amplo em diferentes áreas e apesar de muitas barreiras, a finalidade da estratégia adotada de zona de livre comércio, união aduaneira e o mercado comum, deve culminar em seu objetivo.

## **2.3 Países participantes do Mercado Comum do Cone Sul**

### **Histórico**

Entre os quatro países participantes do Mercosul existem semelhanças e diferenças no que tange ao desenvolvimento histórico. Navegantes portugueses e espanhóis chegaram à região tomando terras em nome dos reis. Buscavam a madeira “pau-brasil”, metais preciosos e um canal de comunicação entre os dois oceanos.

Pedro Álvares Cabral foi o primeiro português a chegar a terras brasileiras em 1500; Juan de Solís foi o primeiro espanhol a pisar no atual solo argentino e uruguaio em 1516. Já no Paraguai, Alejo García que chegou em 1525.

Espanhóis e portugueses dominam efetivamente o território até a segunda metade do século XVI submetendo os índios e explorando os recursos econômicos. Entre 1580 e 1640, Espanha e Portugal unificam suas coroas, sendo que a de Espanha foi soberana nos dois países. Portanto, os quatro países do Mercosul formaram uma unidade nacional durante seis décadas. Ocorreram algumas invasões de outros países e os padres jesuítas iniciam suas missões, catequizando os índios e tornando as comunidades mais produtivas.

No início do século XIX, ocorre a independência, conseqüência das guerras napoleônicas na Europa e do enfraquecimento das coroas de Espanha e Portugal. Na Argentina, o processo de emancipação se formaliza em 1816; no Uruguai, em 1812; no Paraguai, em 1811; e, no Brasil, em 1822. A diplomacia inglesa apóia a independência dos quatro países.

Assim os países vão-se organizando institucionalmente. Nas décadas que se seguem os países passam por fases de desacordo e chegando mesmo a entrar

em guerra. Após muitos conflitos, o Paraguai se opõe aos outros três países levando a uma guerra de cinco anos e o quase total extermínio dos homens do país, fortalecendo o vínculo entre Brasil e Argentina.

No final do século XIX, dá-se um período de expansão econômica, fazendo com que os países se insiram na economia mundial, com o aumentando de suas importações e exportações, desenvolvendo a infra-estrutura e recebendo imigrantes estrangeiros.

Em 1889, cai o regime monárquico no Brasil, estabelecendo-se a República. Na Argentina, os governos conservadores sucedem-se até 1916. O Uruguai só alcança sua estabilidade a partir de 1903. O Paraguai mantém uma situação de instabilidade.

Com o início do século XX, surgem as figuras políticas militares, que dominam principalmente o Brasil e a Argentina. No primeiro, Getúlio Vargas governa duas vezes, de 1930 a 1945 e, depois, de 1951 a 1954. Na Argentina, Hipólito Yrigoyen é eleito presidente duas vezes, entre 1916 e 1930 e, em seguida assume Domingo Perón entre 1946 e 1955. Os respectivos golpes militares interrompem a estabilidade institucional que vinha de mãos dadas com a expansão econômica. Neste período, o Uruguai está sendo liderado por Jorge Battle Ordoñez e seus seguidores; o Paraguai se encontra em guerra com a Bolívia – entre 1932 e 1935.

Na segunda metade do século XX, o panorama mostra as Forças Armadas no domínio; seu papel é exercer o poder total ou influenciar os governos civis mais fracos. No Brasil, por exemplo, as Forças Armadas tomaram o poder depois dos governos de Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart, e permaneceram por vinte anos, até 1984. A Argentina também é dominada pelas Forças Armadas entre



1966 e 1983, após os governos civis enfraquecidos de Frondizi, Guido e Illia (neste período Perón se manteve no poder entre 1973 e 1976). No Paraguai, o governo Stroessner manteve sua ditadura por mais de quatro décadas ininterruptas, desde 1954. No Uruguai também as Forças Armadas estiveram no poder entre 1973 e 1985.

A democracia chegou aos países da região nas últimas décadas do século XX. Houve uma estabilização do ponto de vista institucional. Com o início do livre mercado, ascenderam as reformas econômicas e as privatizações. No Brasil, ocorreram três eleições presidenciais sucessivas: Sarney, Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso. Na Argentina, vieram o Presidente Alfonsín e, em seguida, Menem, que foi eleito duas vezes. No Uruguai, o Presidente Sanguinetti, em seguida Lacalle e novamente Sanguinetti. No Paraguai, após a queda de Stroessner, é eleito o Presidente General Rodríguez; em 1993, veio o primeiro Presidente civil, Wasmosy.

O Mercosul é concretizado neste período. Em 1986, Brasil e Argentina firmam um acordo comercial, o Programa de Integração e Compensação Econômica, que funcionou como um impulso para o Tratado de Assunção assinado em 26 de março de 1991, e que entrou em vigor em sua plenitude em 1995, quatro anos depois.

## **Território e população**

Os países participantes do Mercosul têm sua população estimada em 212 milhões de habitantes, divididos em um território de aproximados 12 milhões de quilômetros quadrados.

Esse número de habitantes representa 46% da população total da América-Latina, mais da metade da população da União Européia e 75% da população dos Estados Unidos. Já o território equivale a 60% da área da América-Latina, cinco vezes maior que a área da União Européia e mais de 20% da área dos Estados Unidos.

Em termos territoriais, o Brasil mostra uma supremacia com seus 8,5 milhões de quilômetros quadrados; sua superfície é mais de 70% da aliança regional. A Argentina conta com um território de 2,7 milhões de quilômetros quadrados. O Paraguai e o Uruguai têm uma superfície inferior a meio milhão de quilômetros quadrados.

Em relação à distribuição da população, existe uma desigualdade entre os quatro países integrantes do bloco. No Brasil, 79%; na Argentina 17%; os restantes 4% se dividem entre Paraguai e Uruguai.

Os quatro países mostram uma forte tendência à urbanização. A cidade de São Paulo tem mais de 10 milhões de habitantes, Rio de Janeiro 5.8 milhões e Buenos Aires 3 milhões. De acordo com pesquisas, estima-se que a população multiplicou 2,8 vezes nos últimos 45 anos, em virtude de altas taxas de fecundidade e redução dos índices de mortalidade. Há, entretanto, grandes diferenças interiores entre os países: a população do Uruguai aumentou menos de uma vez e meia; a da Argentina duplicou; a do Brasil triplicou e a do Paraguai multiplicou-se por quatro. Esses dados são resultados de fatores vinculados às

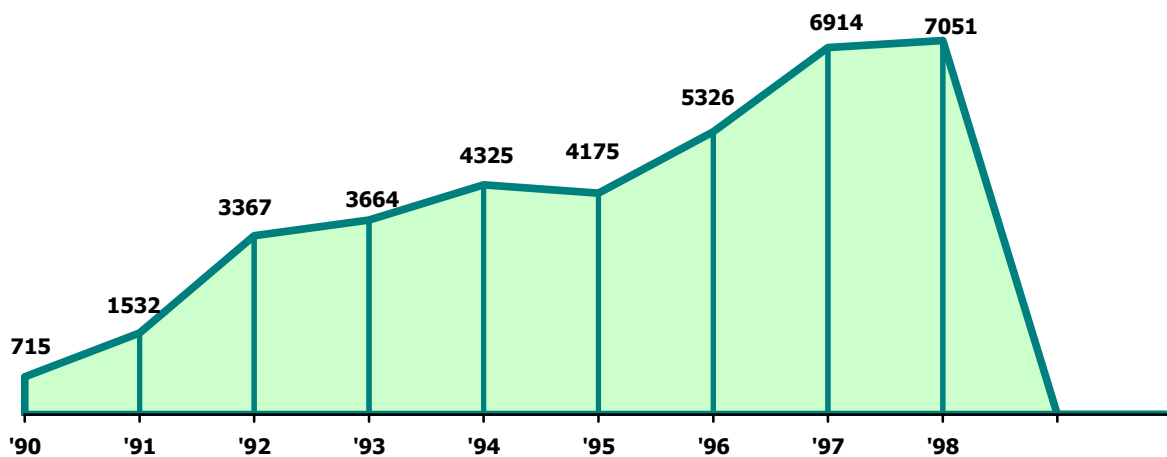
mudanças econômicas, sociais e culturais que acabaram por incidir no tamanho médio das famílias ao longo dos anos.

### **Comércio e economia**

No setor econômico, o Produto Interno Bruto – PIB, em 1995, superou a marca de 970 bilhões. Atualmente, já tem-se informações de um acúmulo de mais de 1 trilhão de dólares. Entretanto, no comércio global, o Mercosul ocupa uma posição pouco significativa, em relação aos Estados Unidos (3%) e à União Européia (2%).

Com uma decisão de abertura da integração plena à economia global, as principais economias empurraram o crescimento da região. Na Argentina, as importações cresceram quase 13%, em 1993; 29% em 1994 e 32,3% em 1995. O Brasil registrou taxas de 25 e 29% nos mesmos anos e 50%, em 1995. As taxas de expansão do comércio do Mercosul são as maiores do mundo.

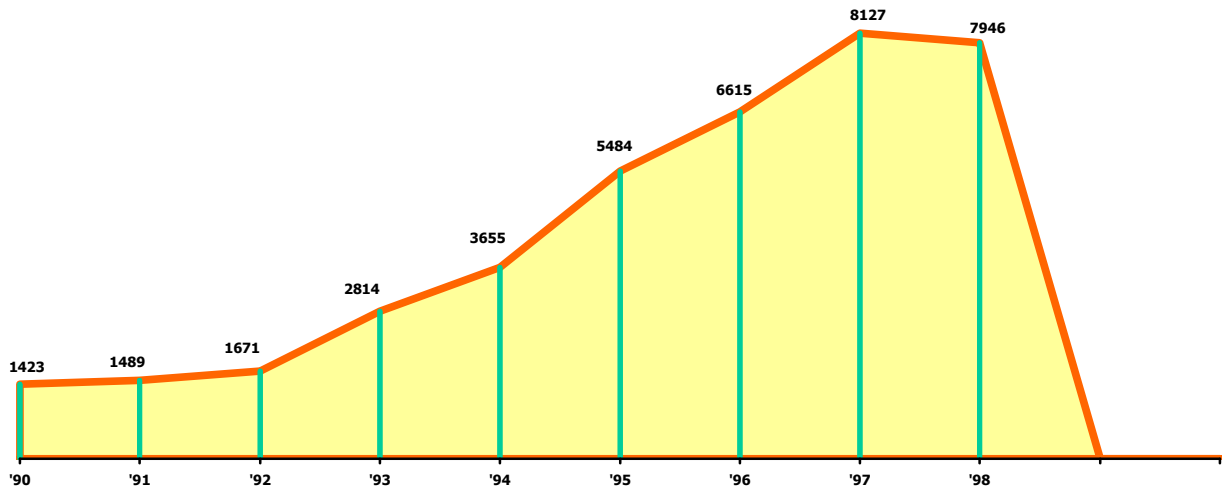
Gráfico 2 - Importações Argentinas do Brasil em US\$ Bilhões



2. Fonte: Gazeta Mercantil , 20 de janeiro de 2000

Atualmente, os países do Mercosul representam 29% da oferta mundial de soja; 55% das exportações mundiais dos produtos da soja; 28% da produção mundial de óleo de soja; 17% da oferta mundial de carne; 41% do rebanho bovino do mundo ocidental; 6,5% da produção mundial de milho e 6,3% da produção mundial de algodão. Isso é resultado do dinamismo da política de abertura e integração plena à economia global.

Gráfico 3 - Exportações Argentinas para o Brasil em US\$ Bilhões



2. Fonte: Gazeta Mercantil , 20 de janeiro de 2000

No setor agrícola, o Mercosul possui quase 6% das terras cultiváveis no mundo, chegando a 0,40 hectare por habitante. São 600 milhões de hectares dedicados à agricultura.

A Argentina é o principal exportador de grãos do Mercosul. O Brasil é o principal mercado regional e um dos grandes produtores do mundo de café, frutas tropicais, cana-de-açúcar e arroz. Além disso, possui importante rebanho e produz oleaginosas e cereais em larga escala. A produção de grãos é da ordem de 80 milhões de toneladas; na Argentina é de 50 milhões.

O Paraguai tem um setor agropecuário de destaque como também produz soja, frutos e cultivos tropicais. O Uruguai é um tradicional exportador de carne e subprodutos bovinos e ovinos, além de cereais.

Os recursos naturais dos países corroboram de forma positiva para o aumento das produções. Sendo assim, a produção rural se desenvolve numa ampla variedade de condições climáticas e de solos. Têm-se ainda alguns produtos que não possuem a mesma extensão de área cultivada ou o mesmo impacto econômico, mas são primordiais para as economias regionais, como a maçã (Brasil e Argentina), a uva associada à indústria vinícola (Brasil, Argentina e Uruguai), a erva-mate e o chá (Paraguai).

Não podemos deixar de mencionar o importante papel dos cereais. Os países do Mercosul participam do mercado mundial do trigo com 2,5% da produção, 8% do consumo e 5% das exportações. É relevante a zona trigueira do Plata com destaque para a Argentina, que constitui uma das quatro mais importantes áreas exportadoras do mundo.

A produção e o comércio de cultivos tropicais tem seu valor notório. Cacau, café e açúcar têm participação superior a 20% no mercado mundial. O Brasil também é considerado o maior produtor de frutas tropicais do mundo.

O Mercosul concentra 26% do estoque de gado bovino mundial e 41% do mundo ocidental. Os habitantes do Mercosul compõem sua dieta com uma importante proporção de carne vermelha. Em relação ao leite, a produtividade média é de 770 litros por vaca ao ano, no Brasil; no Uruguai, este número sobe para 1.760 litros; no Paraguai, alcança 1.970 litros e na Argentina chega a 2.400 litros. Entretanto há uma figura negativa, que é a sazonalidade da produção nos quatro países: em alguns períodos, excede a demanda e, em outros, é deficitária.

A América-Latina tem mais da metade de seu território coberto por florestas e bosques e os recursos florestais são extraídos em velocidade superior à sua reposição. A indústria de papel, de celulose, de papelão, madeira, chapas, tem desvantagem na região. A área florestal do Mercosul equivale a 15% da área mundial.

Outro setor do âmbito econômico a ser ressaltado é a mineração. O Brasil tem uma presença destacada na produção de minerais metálicos: é o maior produtor de ferro da América-Latina. Também das jazidas brasileiras se extraem bauxita, cobre e estanho. A Argentina, apesar de mostrar um setor mineiro mais tímido, tem projetos de investimentos de outros grandes países.

Do ponto de vista dos recursos energéticos, a Argentina é auto-suficiente e, além disso, tem capacidade exportadora. Tem recursos de gás natural e energia hidrelétrica; produz petróleo suficiente para abastecer sua demanda interna. No Brasil, a energia hidrelétrica se destaca pela abundância; a produção nacional de petróleo cobre 60% do consumo.

Entretanto, para atender a demanda da atividade econômica o transporte e as comunicações são insuficientes. a extensão da rede ferroviária é pequena bem como a frota de transporte marítimo.

O Mercosul é um instrumento de promoção do comércio entre os quatro países, mas o peso que o mercado comum tem para cada um de seus membros varia. Para o Brasil, o Mercosul representa 13% de suas exportações; Paraguai e Uruguai mantêm dependência de importação e exportação com o Brasil e a Argentina em 55%. No início da década de 90, as exportações globais do Mercosul apresentaram um incremento de 208%, sendo que em cada país o desempenho foi diferenciado.

Existe uma tendência a verificar incrementos bastante significativos do comércio de produtos. As alianças estratégicas de empresas nacionais e estrangeiras indicam volume de investimentos de altos valores. “O Mercosul é um bloco que está a caminho do desenvolvimento intra-regional sustentado”, conforme Lucángeli e Alaby quando fazem apontamentos para um mapa produtivo do Mercosul (1997, p.132).



## **2.4 A Crise no Mercosul**

O Mercosul está passando por um período de crise conjuntural que pode colocar em jogo todo o crescimento conquistado pelos países do bloco nos últimos oito anos. As barreiras levantadas pela Argentina contra calçados, têxteis, frango, papel de embalagem e aço brasileiro deram início ao impasse vivido e recebendo resposta direta do governo brasileiro: uma retaliação promoveu medidas de ordem administrativa que somente seriam válidas para países que não fazem parte do Mercosul, igualando a Argentina a outros países, sem importar sua condição de membro do bloco.

As barreiras impostas pelos argentinos refletem o despreparo de alguns setores da economia do país, que não se “preveniram” para a concorrência que teriam de enfrentar. O fator de divergência é sem dúvida a desvalorização do Real que o Brasil promoveu no começo de 1999, criando assim um desequilíbrio comercial entre os dois parceiros. No entanto o Brasil continua apresentando resultados negativos nas negociações com os argentinos. De janeiro a agosto de 1999 o Brasil exportou para a Argentina US\$ 3,38 bilhões e importou US\$ 3,79 bilhões. Dessa forma o saldo ficou deficitário em US\$ 412 milhões.

Diante do impasse surgido, os representantes dos 4 países, ou seja os Ministros das Indústrias e Comércio dos países membros do Mercosul promoveram em Agosto de 1998, em Montevidéu, uma reunião para discutir e resolver os problemas decorrentes de uma política de harmonização das economias do bloco sem gerar crises entre os parceiros. A queda da atividade econômica na região, sobretudo depois da desvalorização do Real em janeiro, provocou uma onda protecionista que chegou a ameaçar a estabilidade do Mercosul.

Durante a reunião, a Argentina propôs ao Brasil o oferecimento de algumas compensações pelo efeito da desvalorização do real em sua economia . O Brasil não apresentou nenhuma proposta, mas não deixou de demonstrar que tem queixas contra o protecionismo adotado pela Argentina contra os calçados e eletroeletrônicos. O Brasil pediu para que a Argentina efetua-se uma reconsideração quanto às restrições que tem feito na fronteira e que atingiram as economias das cidades fronteiriças como Uruguaiana e São Borja.

A expectativa dos argentinos era de que o Brasil aceitasse algum tipo de concessão, principalmente depois que a Argentina voltou atrás e revogou a resolução 911 na Organização Mundial do Comércio (OCM) , que se mantida, permitiria ao governo argentino adotar salvaguardas contra produtos oriundos do Mercosul.

O Brasil considera a questão de salvaguardas uma questão de princípios porque vai de encontro aos quesitos da União Aduaneira, embora os outros países membros avaliem a decisão da desvalorização do governo brasileiro de sua moeda, sem consulta prévia aos seus parceiros, como um abalo de confiança dentro do Mercosul.

O Brasil tem procurado compensar a desvalorização de sua moeda, adotando medidas que visem atenuar os efeitos danosos de sua decisão, como não utilizar o Proex (Programa de Financiamento às Exportações de bens de consumo) com juros mais baixos, maior rapidez na emissão de licenças de importação e a vontade política de iniciar uma harmonização das economias do bloco.

A atitude do governo brasileiro ao desvalorizar sua moeda, trouxe consigo questões que ainda não haviam vindo a tona. A diplomacia brasileira aponta a ineficiência do parque industrial argentino como um dos principais motivos da crise econômica vivida pela Argentina e ao mesmo tempo este país acusa o Brasil de

não ter vontade política para a aceitação de medidas compensatórias que ajudem a resolver o impasse.

Sem dúvida o Mercosul quando foi idealizado teve como meta em longo prazo obter tanto do Brasil como de seus parceiros “um efeito estruturador” para as empresas, preparando-as para a concorrência internacional. A importância do Mercosul não tem apenas valor político, como bloco liderado por países emergentes, mas pela importância econômica que possui.

Os empresários dos países-membros estavam incluídos no “Regime de Adequação” que terminou em 1998. Durante os 4 anos que durou este regime, houve tratamento diferenciado à desgravação de tarifas para alguns produtos.

De 1994 a 1998, listas de exceções foram feitas com produtos que teriam uma desgravação diferenciada devido à sua sensibilidade. A lista elaborada pelo governo argentino tinha entre 250 a 300 produtos, enquanto a lista brasileira não passava de 50 itens, ficando evidenciado que esses setores que não aproveitaram o período de adequação para modernizar suas indústrias e torná-las competitivas.

O Brasil precisou também adaptar industrialmente; vários setores, entre os casos mais significativos, o trigo e o vinho, que para sobreviver foram obrigados a mudar estruturalmente. Atualmente há plantações de trigo onde há condições suficientes para competir com o produto argentino. O Brasil não reivindica proteção, mas acesso facilitado ao mercado argentino de seus produtos.

O futuro do bloco continua indefinido e as diplomacias dos quatro países membros estão de acordo em pelo menos um ponto: somente a coordenação macroeconômica poderá trazer soluções. A conciliação entre o livre comércio e as disparidades macroeconômicas deve ser analisada, além de formas de eliminar as restrições não tarifárias resultantes de medidas unilaterais dos sócios e isto deve

ser feito rapidamente, porque os investidores e os países com os quais o bloco quer negociar não levarão o Mercosul a sério, já que a imagem que está sendo transmitida é de um bloco que “não dá certo”.

Apesar dos problemas entre os dois países sócios, O’keefe, considerado um dos maiores especialistas americanos em integração econômica, define:

“O Mercosul é o processo de integração mais exitoso da América Latina. Segundo ele, muitas das dificuldades que o bloco regional está passando poderiam ser resolvidas de forma mais rápida e sem desgastes se o Mercosul estivesse consolidado como um mercado comum. Mas, para isso, teria que ter instituições supranacionais para a coordenação e harmonização de políticas macroeconômicas para resolver os conflitos entre os países (22 Set. 1999)”.

A desvalorização do real, que provocou a reação da Argentina é um exemplo claro de distorção macroeconômica dentro de um bloco que pretende ser um mercado comum. O entendimento entre os dois países é inevitável, porque a economia brasileira é grande em relação a de seus vizinhos mas pequena em relação a dos Estados Unidos e da União Européia.

Gráfico 4 – Empresas que fecharam a fábrica na Argentina e transferiram a produção para o Brasil

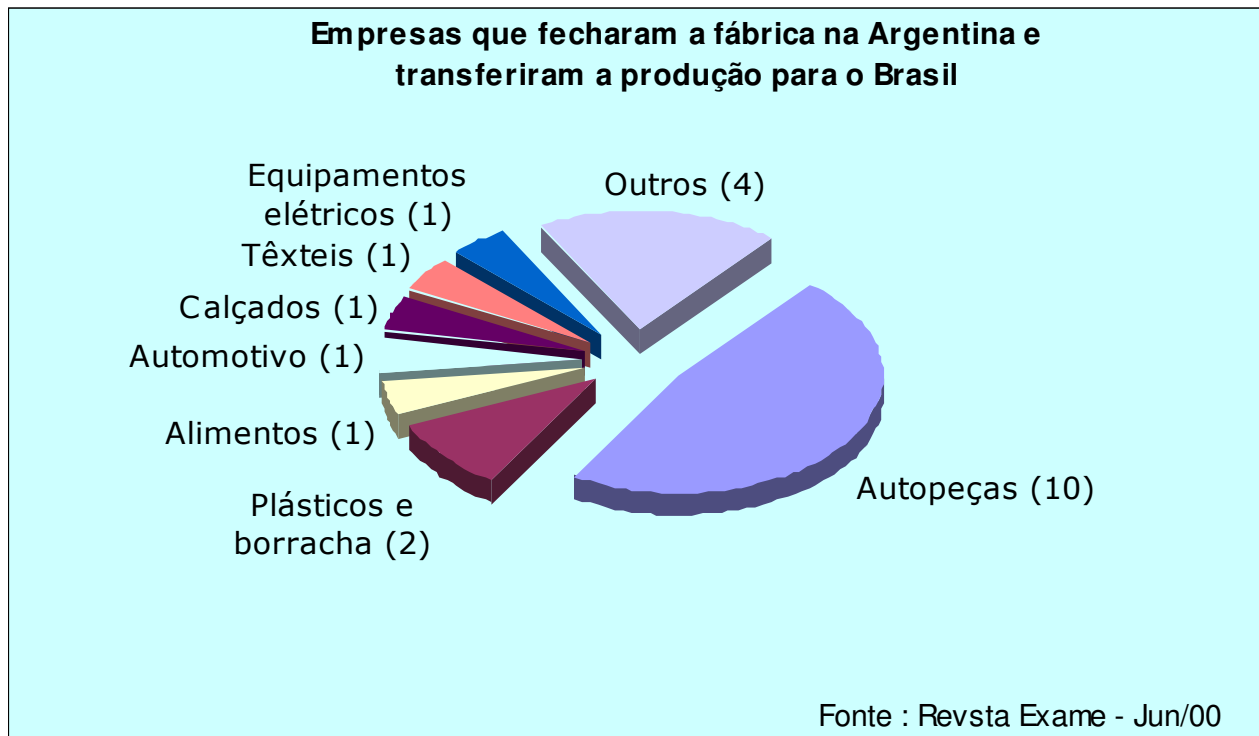
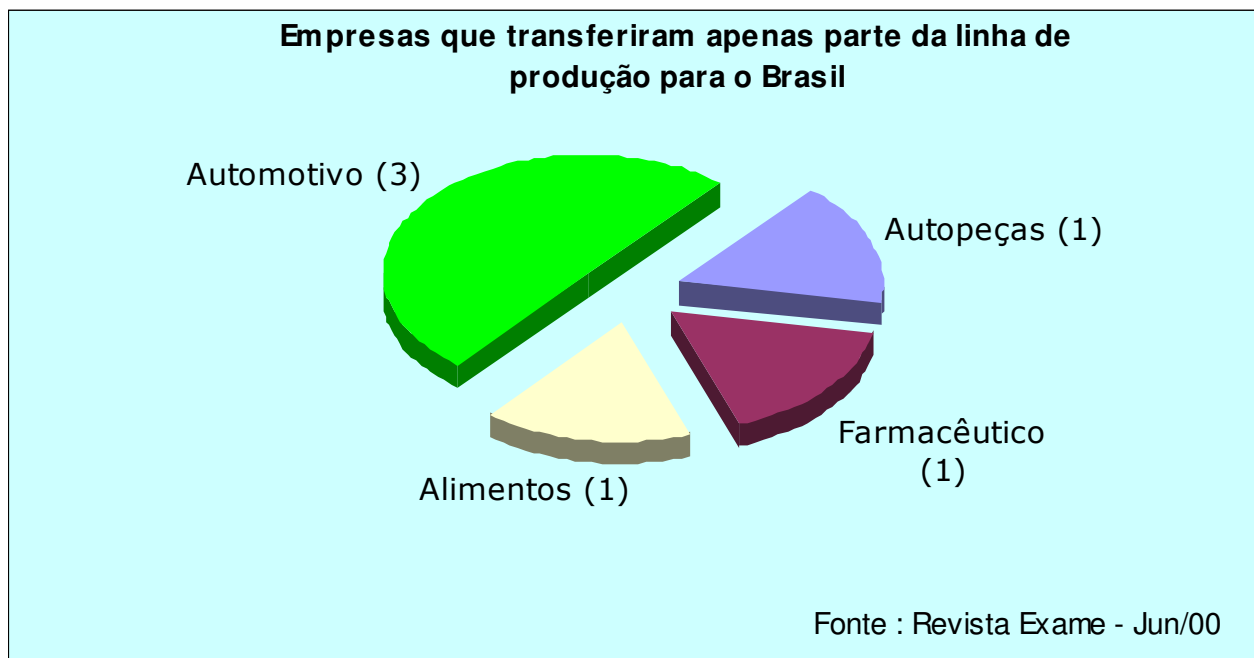


Gráfico 5 – Empresas argentinas que transferiram a produção ao Brasil



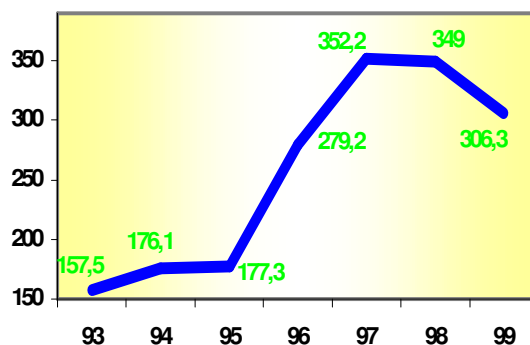
No mês de Julho de 1999, a reunião do Conselho do Mercado Comum, representou um avanço para a diplomacia entre os países do Mercosul. Embora não tenha chegado a soluções práticas para os problemas conjunturais do bloco, o conselho decidiu criar dois grupos de trabalho, encarregados da coordenação de políticas macroeconômicas e do acompanhamento da conjuntura econômica e comercial

O primeiro grupo composto por vice-ministros da Economia deverá analisar as políticas macroeconômicas com ênfase na sustentabilidade das contas públicas e externas e irá apresentar alternativas e práticas de coordenação, a fim, de que, de forma gradual e de longo prazo, se alcance a convergência nas políticas internas. O outro grupo terá a responsabilidade de avaliar os fluxos de comércio intrazonal, além de atualizar e harmonizar informações estatísticas sobre o comércio dentro de bloco e com terceiros.

Há, no entanto, defensores de que as negociações sejam suspensas até que a situação interna de cada país seja organizada. Afirma Domingo Cavallo, o ex-ministro da Economia da Argentina em entrevista para a Gazeta Mercantil, em 22 de setembro, 1999: “É inútil aos governos brasileiro e argentino manter conversações sobre a condução de política econômica no Mercosul sem que cada país consiga organizar-se internamente”.

Entre os contenciosos, como são chamados os pontos de atrito entre Brasil e Argentina, estão os artigos têxteis brasileiros afetados pelas salvaguardas argentinas, objetos de discussão no âmbito do Mercosul. A primeira etapa, de consultas bilaterais, já foi concluída. O Brasil condena a imposição da salvaguarda, ainda que tenha respaldo legal do Acordo de Tarifas e Vestuário (ATV) da Organização Mundial do Comércio (OMC). O ministro das Relações Exteriores do Brasil afirma que “por uma questão de coerência com as regras do Mercosul não podemos admitir uma salvaguarda imposta por um sócio do bloco”.

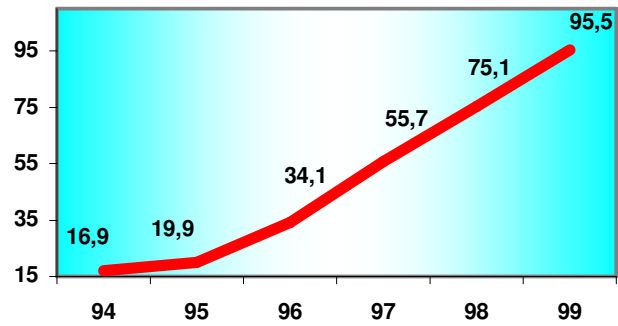
**Gráfico 6 - Exportações de têxteis  
Brasil - Argentina US\$ milhões**



Fonte: Secex

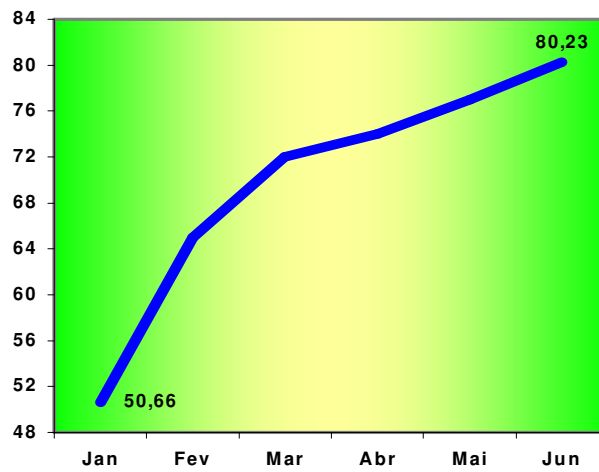
Outro contencioso, como o de calçados e frango deverá ser resolvido pelos setores. Os calçadistas brasileiros negaram-se a adotar uma autolimitação de exportações para o mercado argentino, mas não fizeram uma contraproposta como queriam os representantes da Câmara da Indústria de Calçados argentina conforme afirmação do subsecretário geral para Assuntos de Integração, Econômicos e de Comércio Exterior do Itamaraty, embaixador José Alfredo Graça Lima: “Os governos tem que se concentrar na manutenção dos princípios do Mercosul e cabe aos setores afetados assumirem as suas responsabilidades pelos mercados”.

**Gráfico 7 - Exportações de Calçados  
Brasil - Argentina US\$ milhões**



Fonte: Secex / Gazeta Mercantil em 5 de agosto de 1999

**Gráfico 8 - Exportações de frango  
Brasil - Argentina US\$ milhões**



Fonte: Secex / Gazeta Mercantil em 5 de agosto de 1999



### **CAPÍTULO III**

**CONCEPÇÕES DOS ALUNOS DO 5º PERÍODO / 2000 DO CURSO  
DE ADMINISTRAÇÃO – COMÉRCIO EXTERIOR / UNISO SOBRE O  
MERCOSUL**

### **3.1 A estratégia adotada para a pesquisa.**

Este capítulo tem como foco o registro da visão dos alunos do Curso de Comércio Exterior, do 5º período, 2000, da Universidade de Sorocaba. O aspecto relevante que se pretendeu levantar foi a questão da identidade cultural que o Mercosul propõe para esses alunos. A estratégia adotada traz embutida, num questionário, questões quantitativas e qualitativas pretendendo alcançar as seguintes questões:

1. Qual é o nível de conhecimento que os alunos têm do Mercosul?, esta questão implica em dois aspectos de relevância: Quanto sabem os alunos sobre sua existência, aspectos constitutivos e formais?, Qual é a visão sobre o acordo de criação do Mercosul que eles têm: a de um acordo comercial ou a de um acordo de integração social, política e econômica?
2. Quais são as suas fontes de informação? tratando de desvendar a influência dos meios de comunicação de massa, das famílias, dos amigos, do sistema educacional. Suas opiniões, são mero reflexo daquilo que recebem como informação pronta, ou são resultados de uma análise do recolhimento de informações de distintas fontes, avaliados criticamente?
3. Como se sentem afetados pelo acordo? Quanto a esse aspecto foi interessante conhecer a opinião dos alunos sobre como oportunidades de vida poderão se abrir? A força e a debilidade dos países componentes do bloco relacionadas com a possibilidade de manterem seus postos de trabalho ou conseguir novos e melhores postos, ou mesmo ficarem desempregados?
4. Quais são os fatores de atração que o exterior exerce sobre os alunos, Quais eles identificam entre os países do acordo? Percebem que os países do Mercosul têm papel no desenvolvimento da região, ou apenas são pontos de turismo?

5. Os níveis de preocupação quanto aos empregos, exclusão social e participação dos alunos, como agentes participantes do processo de mudança?
6. Como o professor de Comércio Exterior que faz a pesquisa percebe a disciplina que ministra, Sistemática de Comércio Exterior? O professor utiliza as manifestações culturais prévias, no desenvolvimento de sua atividade pedagógica?, como exemplo. o grau de educação comparando brasileiros e seus pares do Mercosul?
7. Como fica a questão da nova identidade dos alunos num mundo globalizado com principal enfoque ao Mercosul?

A pesquisa foi realizada no período de 15 a 22 de Março de 2000 com os alunos do Curso de Comércio Exterior do 5º período, da Universidade de Sorocaba. Para a realização da pesquisa, tomei essa turma como referência por ela estar numa fase intermediária do curso, fato que pôde revelar características culturais do processo de integração mercosulina. Informo que no momento da pesquisa não era mais professor desse grupo de alunos, tendo-o sido no 1º período do Curso/1998.

No dia 15 de março, fiz uma apresentação de 20 minutos para os alunos procurando manter um comportamento informal, mas não deixando de explicitar os objetivos da pesquisa que pretendia fazer, bem como não deixando de explicitar os meus objetivos, sempre que solicitado para tanto. Faço uma observação: dos 80 alunos que começaram o curso, somente 80% o estavam freqüentando, ou seja, 64 alunos. Estavam presentes nesse dia 54 alunos.

A pesquisa foi feita através de um questionário com 30 perguntas, das quais 27 perguntas serviram para levantamento quantitativo. O questionário foi

elaborado com base em “pesquisa de opinião pública” através do qual os alunos puderam escolher alternativas a serem tabuladas posteriormente.

No dia 22, de março voltei à sala de aula para estimular uma autoreflexão sobre o papel dos alunos como integrantes do bloco Mercosul. Como o objetivo da pesquisa era levar os alunos a refletir sobre sua identidade de mercosulinos, e a partir daí obter subsídios para pesquisa qualitativa.

Inicialmente fiz uma introdução para explicar a minha preocupação com a própria prática pedagógica, aquela que visava somente o aspecto técnico do comércio exterior e que tinha deixado de lado um aspecto importante: a questão da **Identidade**, como participantes do bloco chamado Mercosul .

Para que pudessem entender meu propósito, dei como exemplo a minha própria nacionalidade: sou peruano e estou morando no Brasil a 24 anos; me sinto peruano no sentido da nacionalidade, mas já perdi minha **identidade** como peruano, porque já não falo como peruano; o meu sotaque não é mais de um peruano; minhas atitudes já não são mais de um peruano. Após 24 anos morando no Brasil, já me sinto como brasileiro, porque dos 40 anos que tenho, apenas 16 anos foram passados no Peru e 24 anos no Brasil; assim, assimilei aspectos de nova cultura; toda vez que volto ao meu país de origem sou tratado como estrangeiro pelos meus próprios conterrâneos.

Após essa breve introdução fiz para os alunos a pergunta fundamental:  
**Como você se sente como Mercosulino? Sente-se ligado à região?**

A estratégia adotada foi aberta, com a possibilidade dos alunos poderem expressar suas opiniões . Expliquei que minha pesquisa era tentar determinar a **Identidade** do estudante brasileiro em relação ao Mercosul e que eu não vinha com questionamentos e perguntas prontas e nem tampouco esperava obter

respostas prontas. Quanto ao registro dos dados, procurei não fazer anotações, para não criar um ambiente de cobrança.

Após a discussão, pedi que respondessem 3 perguntas, dando mais ênfase à terceira pergunta, aí registrando o que haviam discutido durante os debates. Seguem-se as perguntas :

1. Qual é sua opinião sobre o papel do Brasil no Mercosul?
2. O que muda na sua vida acadêmica, profissional e intelectual com o processo de integração do Mercosul?
- 3. Como você se sente como Mercosulino? Sente-se ligado à região?**

Com base nos dados fornecidos foram elaborados gráficos quantitativos que se encontram em anexo.

Os resultados obtidos desnudam um abismo profundo quanto à concepção de como os alunos entendem o Mercosul e como contextualizam individualmente seu papel político enquanto integrantes do bloco, ou seja, “mercosulinos”.

Como professor de comércio exterior numa área prática, tenho somente a oportunidade de fazer interpretações facilmente demonstráveis, como cálculos de preços de importação e exportação, fretes internacionais e rotinas operacionais de comércio exterior. Mas ao criar expectativas e condições de autoreflexão, com novas abordagens junto aos alunos, acredito poder desenvolver a criatividade e o gosto pela pesquisa. Apenas manipulando o saber tecnicista não há verdadeiras significações para a aprendizagem, não há recursividade no domínio cognitivo nem do professor, nem do aluno.

Reconhecendo minhas limitações, trago Abrão Moles: “É preferível ter idéias falsas do que nenhuma” (1995, p.304),

É a partir delas, mesmo falsas, é que podem ser construídas as verdadeiras. Ou seja, a partir dos indícios de fragilidade, detectados junto aos alunos quanto às suas dificuldades de conhecimento sobre as questões propostas é que podemos trabalhar o contexto / problema desta pesquisa: a questão “Como Você se Sente Como Mercosulino” numa análise qualitativa visando uma práxis transformadora para o ensino superior.

Considero de relevância , no momento, fornecer alguns elementos sobre o Curso de Comércio Exterior, da Uniso, para desvelar, com mais profundidade, a questão proposta para a pesquisa.

### **3.2 Histórico do Curso da Disciplina Sistemática e Operações de Comércio Exterior**

O curso de Administração de Empresas – Habilitação Comércio Exterior, da Universidade de Sorocaba, foi criado em 1995 para atender as exigências do mercado cada vez mais competitivo e suprir as necessidades e capacitação técnica do futuro profissional do comércio exterior de Sorocaba e região, através de aulas teóricas e práticas.

Contratado como professor para o referido curso, a disciplina que ministro é Introdução a Sistemática e Operações de Comércio Exterior. Entre 1996 - 1999 o curso tinha carga horária anual dividida em dois conteúdos programáticos cujas ementas, se seguem:

#### **Sistemática de Comércio Exterior I – 1º Semestre**

- Introdução e historia do comércio exterior, conceitos básicos
- Acordos internacionais e blocos econômicos (Mercosul, Nafta, União Européia)
- Diferença entre o comércio interno e o comércio externo
- Estrutura do comércio exterior brasileiro.

- Órgãos intervenientes nacionais e internacionais e sistema administrativo.
- Internacionalização das empresas. Variáveis inerentes ao comércio exterior.
- Regimes políticos e económicos, políticas financeiras, legislação e normas.
- Produto: O que exportar, concorrentes, estratégias para competir no mercado externo, para onde exportar, de onde importar.
- Canais de distribuição, processos diretos e indiretos na exportação e importação.
- Representantes e agentes comerciais trading company, marcas e patentes, nível tecnológico, assistência técnica.

### **Sistemática de Comércio Exterior II – 2º Semestre**

- Termos do Comércio Exterior – Incoterms
- Câmbio, noções básicas, restrição e controle, taxas, moedas conversíveis, importação / exportação com cobertura cambial, importação / exportação sem cobertura cambial.
- Modalidades de pagamentos no comércio exterior, cobrança documentária, crédito documentário.
- Prática documental de comércio exterior.
- Importação: Sistema administrativo, classificação de mercadorias, sistema fiscal, tributação, cálculos de impostos de importação.
- Exportação: Sistema administrativo, formação de preços na exportação.
- Despacho aduaneiro, habilitação, processamento, documentação Siscomex, capatazias, taxas portuárias, regimes especiais.
- Transporte internacional marítimo, aéreo, rodoviário, noções, peculiaridades, fretes e fase documental.
- Seguro internacional marítimo, aéreo e rodoviário, noções, importância, contratação, riscos, coberturas, apólices, sinistros, avarias.

A primeira turma começou suas atividades em 1996 com 80 alunos e após 4 anos letivos somente 40 alunos concluíram o curso.

Priorizando a questão técnica nas minhas aulas, a preocupação com o conteúdo era privilegiar apenas uma porção de informações prontas, estáticas, impessoais e comprometidas somente com o produto da aprendizagem e não com o processo que constroi essa aprendizagem na realidade mundo onde tanto eu professor e os alunos estamos vivendo.

Somente no primeiro semestre de 1999 como aluno do curso de pós-graduação em Educação da Uniso e, ao mesmo tempo como professor da Uniso em um curso profissionalizante, passei a adotar uma atitude menos pragmática com relação à disciplina. Apesar dos meus “esforços” cheguei ao final de 1999 sem promover uma discussão significativa e crítica sobre o papel do Mercosul na vida acadêmica, profissional, social e cultural do aluno.

Em 2000, o curso foi dividido em dois semestres denominando-se respectivamente: **Introdução à Sistemática de Comércio Exterior e operações de Comércio Exterior.**

Embora o conteúdo programático não tenha sofrido alteração, uma mudança conceitual foi introduzida. Fiz os alunos exercitarem o uso de contextualização através de debates e trabalhos ora individuais, ora em grupos com o propósito de que pudessem construir o conhecimento não somente como produto mas também como processo, visto que o conhecimento acadêmico não constitui um produto estático, realidade tão simples quanto possa parecer de imediato. Não é um conjunto isolado de informações, mas um conjunto comprometido com uma determinada visão de mundo, que se manifesta no próprio processo de investigação real.



Construí, em seguida, uma interrogante: Como tornar a sala de aula um espaço de reflexão do aluno para a produção do seu próprio conhecimento?. Fávero encaminha um momento primeiro de reflexão:

Nessa linha, visualizamos a universidade como uma instituição que deve ser capaz de produzir um estilo diferenciado e aberto de saber, de reflexão, podendo tornar-se um dos espaços mais eficientes para se contrapor a uma cultura de tipo elitista e tecnocrática. Ressaltamos ainda que o saber que a universidade produz tem um caráter histórico. Trata-se de saber produzido por indivíduos situados e datados historicamente, na medida em que o desenvolvimento de uma sociedade passa necessariamente pela formação de homens (1994, p.55).

Outras reflexões partem da questão interrogante acima proposta. Aquela que tratarei, dizendo respeito à questão central desta pesquisa, reflete sobre a questão da identidade mercosulina no contexto da América Latina.

### **3.3 A Questão da Identidade mercosulina no contexto Latino-Americana**

Ao abordar a questão da identidade no Mercosul nos deparamos com o fato de que todos os países que representam o Mercosul tem, além de suas culturas nacionais, seus símbolos e representações sociais, e que a conformação de uma cultura comunitária levará irremediavelmente à aceitação de uma autoridade supranacional pelos quatro estados partes, bem como pelos filiados.

A questão da identidade mercosulina é valiosa enquanto indagação, especialmente quando se espera como resposta não um conceito formal que abarque a identidade nacional dos países envolvidos, mas quando nos leva a descobrir os traços estruturalmente comuns na relação entre pessoas e o processo de renúncia parcial de indivíduos no processo de formação de uma identidade regional.

Stuart Hall ao abordar a questão da identidade em direção ao pós-moderno global argumenta:

As identidades nacionais permanecem fortes, especialmente como respeito as coisas como direitos legais e de cidadania, mas as identidades locais, regionais e comunitárias tem se tornado mais importantes. Colocadas acima do nível da cultura nacional, as identificações “globais” começam a deslocar-se e, algumas vezes, a apagar, as identidades nacionais (1999, p. 73)

Embora os parceiros do Mercosul tenham priorizado os aspectos econômicos, depois de quase 9 anos de vida do Mercosul, os acordos bilaterais começam a levantar antigas barreiras contra questões sócio-culturais. Temas como meio ambiente, políticas sociais, direitos humanos e promoção cultural têm sido priorizados. Um exemplo, na busca de uma identidade regional, pode ser lembrado:

Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai têm um passaporte com características comuns a partir de 1º de janeiro de 2001. A “idéia” foi aprovada no Âmbito do Grupo Mercado Comum do Mercosul (GM), permitindo que um cidadão brasileiro possa permanecer por mais de 90 dias nos países vizinhos e um cidadão do Mercosul tenha o mesmo tratamento de um cidadão da União Européia por parte dos Estados Unidos.

Lúcio Amorim, embaixador brasileiro na Argentina declarou, por ocasião do lançamento da “idéia”: “Queremos que o passaporte comum signifique de fato, vantagens para os cidadãos da região”

As diferenças culturais, econômicas e mercadológicas entre o Brasil e Argentina, embora acentuadas em alguns casos, não chegam a prejudicar as negociações. Más são imprescindíveis conhecê-las e adaptar os produtos.

Em função dos hábitos alimentares algumas modificações já foram feitas, como exemplos:

- A Sadia adequou os sabores de seus alimentos embutidos ao paladar argentino, que prefere menos sal na comida e gosta de embalagens transparentes. Na Argentina, a salsicha deve ser clara, sem corantes, e o salame diferente do vendido no Brasil: mais curado, com mais gordura e aroma forte.
- Já em gomas de mascar, os brasileiros preferem as mais macias, o que requer alterações pequenas no processo de fabricação. No Brasil, chocolate com sabor pronunciado de leite tem mais aceitação. Na Argentina a preferência é pelo gosto de baunilha. Com a inauguração de uma fábrica de chocolate em Bragança Paulista (SP), no primeiro semestre de 1999, A Arcor, da Argentina, começou a produzir chocolate para o paladar brasileiro.
- A indústria argentina de alfajores tem feitos esforços para introduzir o “alfajor” no Brasil; embora com algum sucesso ainda não conquistou o mercado brasileiro como era esperado.

Entretanto, reflexões pertinentes sobre o colapso das identidades numa escala global, devem ser levantadas. Stuart Hall chama atenção para o seguinte fato :

Os fluxos culturais entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de “identidades partilhadas” – como “consumidores para os mesmos bens, “clientes” para os mesmos serviços públicos, para as mesmas mensagens e imagens.....À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento cultural (1999, p.74).

Entretanto, o quadro que se segue, revelando os aspectos culturais e econômicos do Brasil e Argentina, esgarçam diferenças difíceis de serem harmonizadas.



<b>DADOS</b>	<b>BRASIL</b>	<b>ARGENTINA</b>
Renda per capita	Menor	Maior
Distribuição da renda	Maior desnível	Menor Desnível
Grau de Escolaridade	3,5 anos	8,6 anos
População	160 milhões	40 milhões
Formalismo	Informal	Formal
Abertura ao exterior	Concentra-se no interno	Aderiu ao global rapidamente
Influencia cultural	Diversificada, multinacional	Européia
Herança histórica	Pouco valorizada	Muito valorizada
Idade média	Jovem	Madura
Automotivo	Escala maior e econômico	Diversificado e sofisticado
Turismo	Falta infra-estrutura	Sofisticado e valorizado

Fonte: Gazeta Mercantil Latino-América – 25 de Outubro de 2000

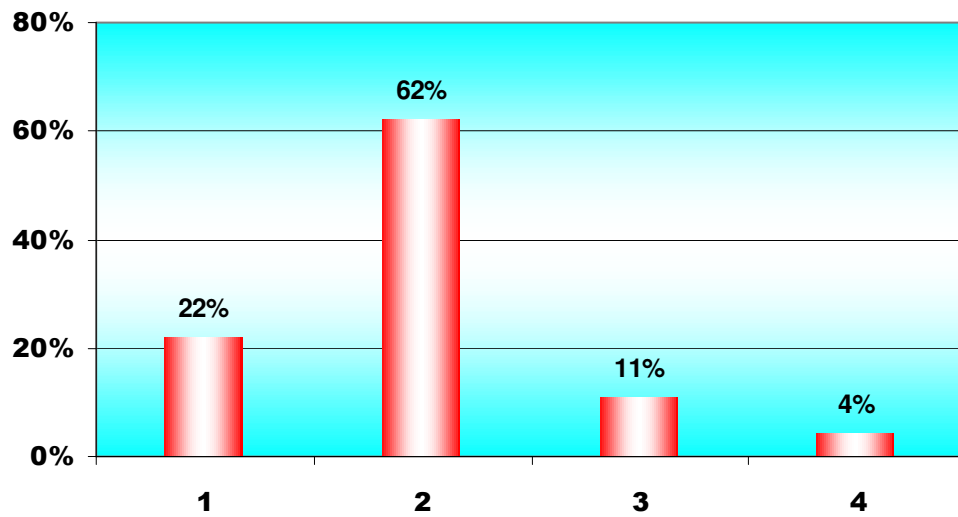
Toda a montagem que construí neste capítulo encaminha para os achados da pesquisa proposta. É o que vem a seguir.

### **3.4 Os achados da pesquisa quantitativa**

Conforme já explicitado, esta pesquisa desenvolveu-se em dois momentos. Uma análise quantitativa e outra qualitativa. A primeira envolvia as seguintes questões: O que você entende por Mercosul?, Qual a origem da informação que você tem sobre o Mercosul?, Como você identifica o processo de integração do Mercosul?, Como será para você o processo de integração do Mercosul?, Pessoalmente você acredita que o processo de integração do Mercosul..., Levando em consideração os aspectos econômicos, políticos, social e cultural escolha apenas um país para os itens...., Qual a razão pela qual você viajaria aos países do Mercosul?

As respostas dos 54 alunos seguem-se agora em forma de gráficos e análise dos mesmos.

1) O que você entende por Mercosul?

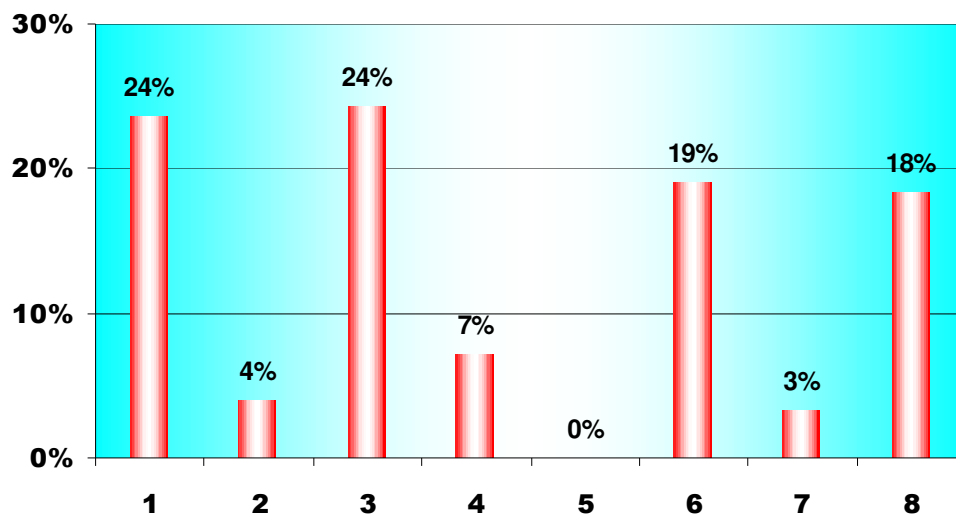


- 1) Tratado de integração econômica, social, política e cultural.
- 2) Tratado para fortalecimento comercial entre os integrantes.
- 3) Bloco Econômico.
- 4) Brancos / Nulos

O gráfico revela que 62% dos alunos informou que o Mercosul é um tratado para fortalecimento comercial entre os integrantes, revelando também que o aspecto comercial reflete uma visão parcial das abrangências do bloco.

2) Qual a origem da informação que você tem sobre o Mercosul?

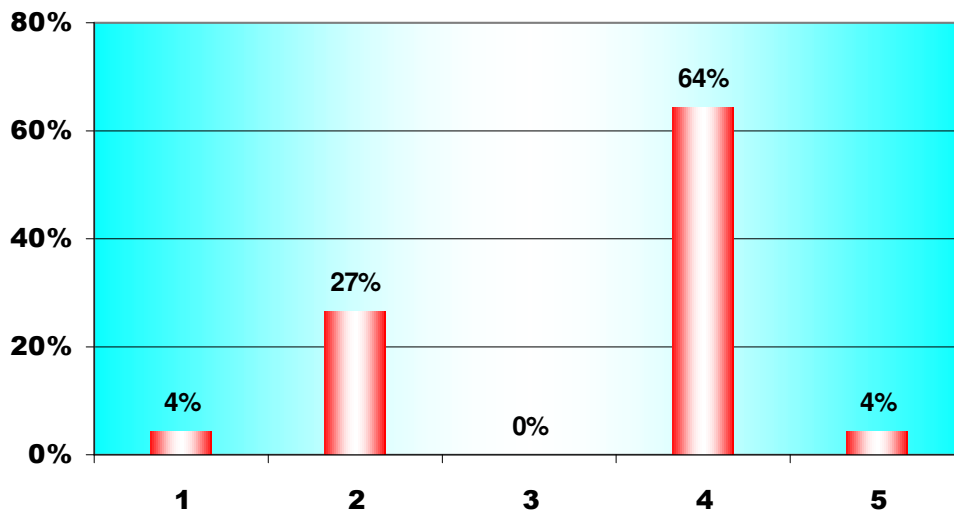
1. Sistema educativo
2. Com amigos
3. Jornais
4. Internet
5. No Lar
6. TV
7. Rádio
8. Revistas



As respostas denotam que os jornais (24%), a televisão (19%) e as revistas (18%) são as fontes das quais os alunos recebem as informações sobre o bloco econômico ao qual pertencem. Assim, os meios de comunicação constituem uma fonte importante de comunicação mas o sistema educativo no caso da Universidade, tem-se revelado importante também, com 24% da indicação dos alunos.

3) Como você identifica o processo de integração do Mercosul?

1. Econômico
2. Político e Econômico
3. Político e Social
4. Político, Econômico e Social
5. Brancos / Nulos



Enquanto pergunta “linear” esta questão buscou preparar a questão nº 4 – Como será para você o processo de integração do Mercosul? E realinhar a questão nº 1 – O que você entende por Mercosul?, momento no qual apenas 22% dos alunos respondeu que é um tratado de integração econômica, social, política e cultural. Os 64% que surgem nesta questão nº 3 – Como você identifica o processo de integração do Mercosul, enquanto processo político, econômico e social revela a fragilidade do pensar acadêmico unisiano.



4) Como será para você o processo de integração do Mercosul?

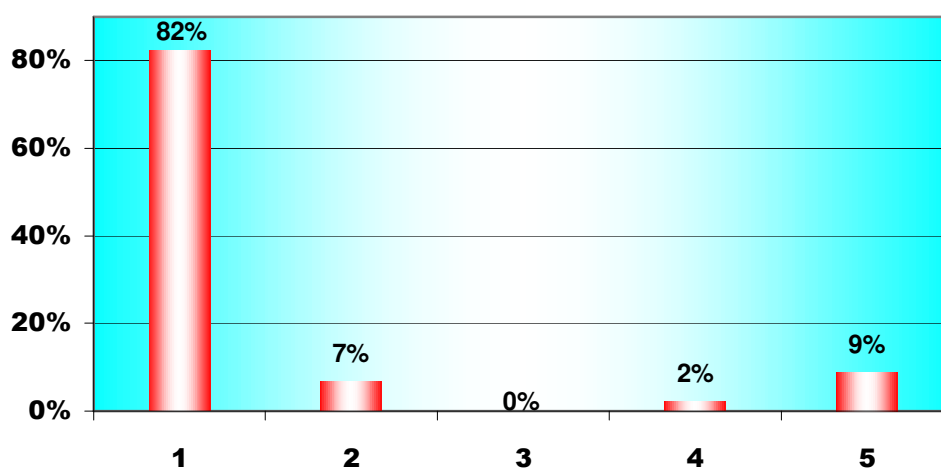
**1. Positivo**

**2. Muito Positivo**

3. Negativo

4. Muito negativo

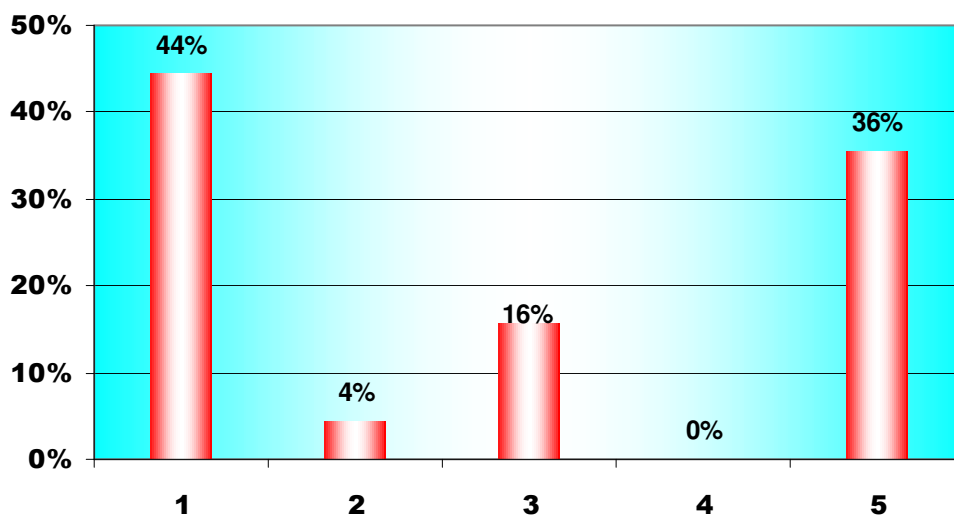
5. Brancos / Nulos



O processo de integração é percebido positivamente pela maioria dos alunos (82%). Uma pergunta de “opinião pública” tem seu pecado, isto é, a indução. O aluno precisava escolher uma das propostas e a escolhida sem conhecimentos “técnicos” sobre o Mercosul foi obviamente a de nº 1 – positivo.

5) Pessoalmente, você acredita que o processo de integração do Mercosul

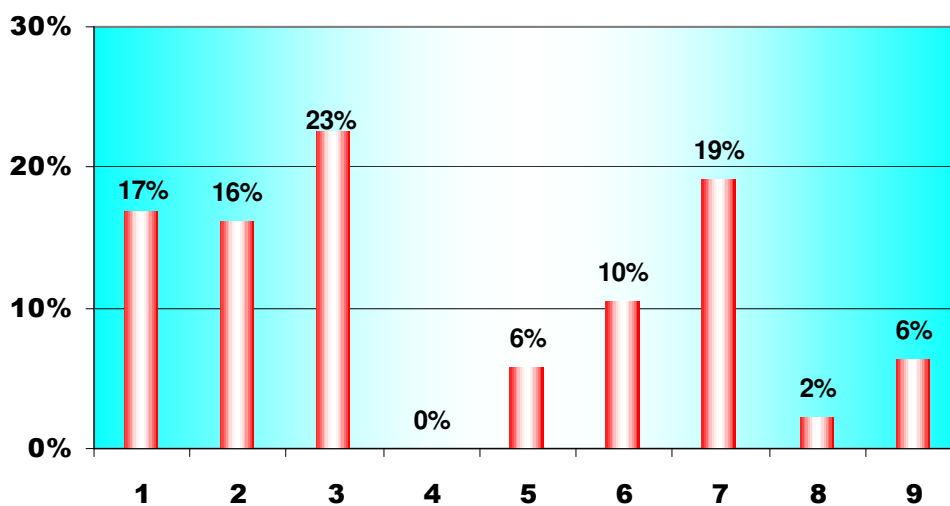
1. O beneficiará;
2. Não o beneficiará nem prejudicará;
3. O beneficiará e prejudicará;
4. O prejudicará;
5. Brancos / Nulos;



Novamente, esta é uma pergunta “linear”mas que envolve conhecimentos embaixadores. A ausência deles faz com que 44% dos alunos responda que o Mercosul os beneficiará ao mesmo tempo que 36% deixam a questão em branco ou a anulam. Esta questão é um intróito para a seguinte.

6) Você acredita que com o processo de integração do Mercosul

1. O intercâmbio cultural será favorecido;
2. Haverá mais oportunidades de trabalho;
3. Aumentarão os negócios entre os países;
4. Vamos desaparecer como país;
5. Será mais fácil estudar em outro país;
6. Haverá competição acirrada no campo de trabalho;
7. Será necessário aprender espanhol;
8. Desaparecerão as aduanas;
9. A democracia será fortalecida.



Aumentando os negócios entre os países (23% das respostas) haverá necessidade de uma nova aprendizagem (19% das respostas) – o espanhol. Oportunidades de trabalho terão um aumento segundo o pensar dos alunos (16% das respostas) mas haverá competição no mesmo campo (10%). Não desapareceremos como país (0% das respostas) nem as aduanas (2% das respostas). Entretanto, apenas 6% acreditam que a democracia será fortalecida.

7) Levando em consideração os aspectos: econômico, político, social e cultural escolha apenas um país para os itens abaixo:

A) Mais rico

**B) Mais pobre**

C) Mais forte

D) Mais fraco

E) Mais alegre

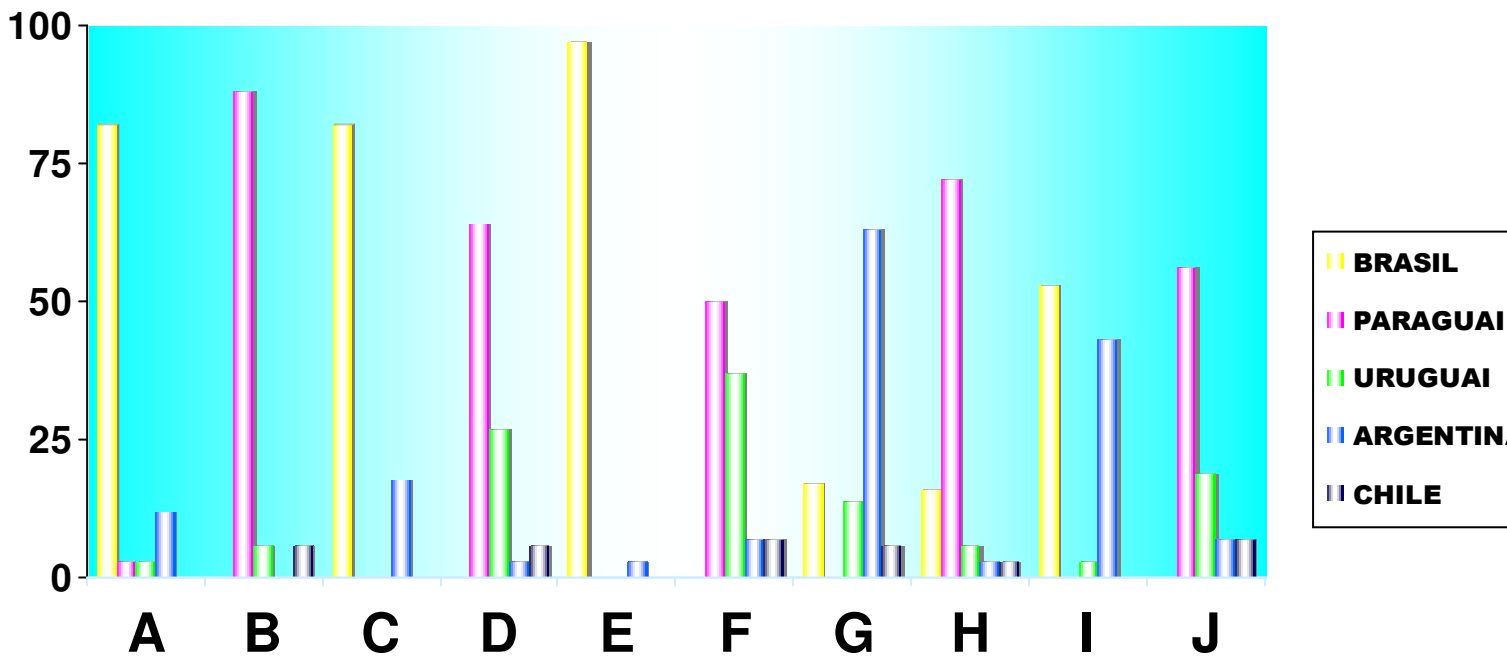
F) Mais triste

G) Mais culto

H) Menos culto

I) Mais democrático

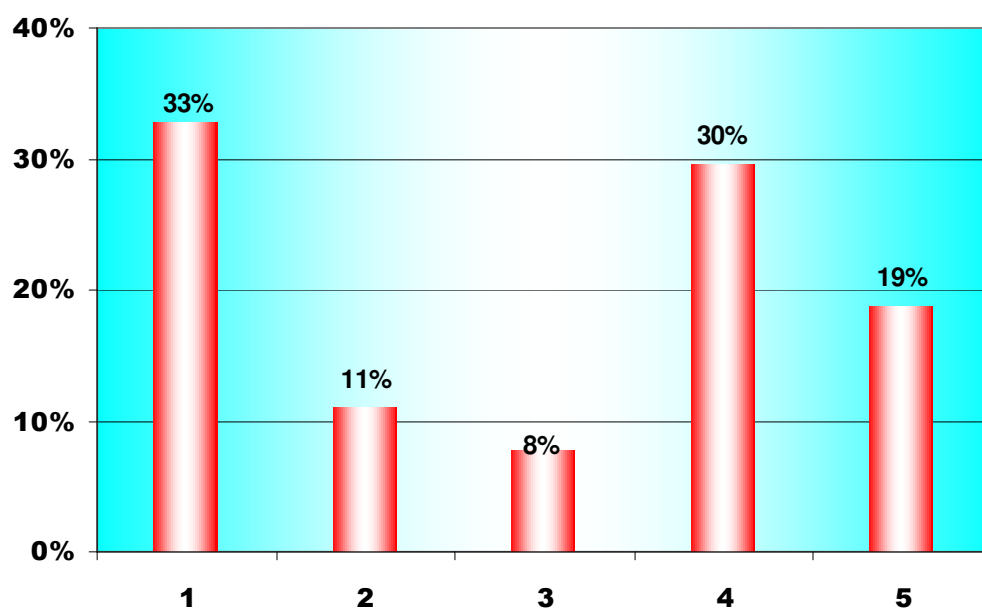
J)\_ Menos democrático



Levando em consideração as opiniões manifestadas, o Brasil aparece como o país mais positivo nos aspectos : riqueza, fortaleza e alegria. No entanto essas opiniões são modificadas nos aspectos sociais e políticos: A Argentina e o Brasil tem predominância.

8) Qual é a razão pela qual você viajaria aos países do Mercosul?

1. Turismo
2. Oportunidade de trabalho
3. Família / Amigos
4. Cultura
5. Oportunidade de estudo



Esta questão teve um objetivo: buscar o total entendimento do que se constitui o Mercosul – Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai. Os alunos não têm ainda consciência que o Brasil é Mercosul. Propositadamente não forneci nenhuma opção de escolha que revelasse o Brasil como componente do Mercosul, com o objetivo de verificar como os alunos compreendem a constituição do bloco econômico do qual fazem parte.

### **3.5 Os achados do estudo qualitativo**

Além de obter um material interessante em dados quantitativos a pesquisa trouxe a tona questões que foram objeto de nossa atenção na pesquisa qualitativa. Embora 82% dos alunos acredita que o processo de integração será positivo e 44% respondem que haverá benefícios (apesar de 36% ter deixado a questão em branco/nula), o levantamento qualitativo releva sentimentos confusos e conflitantes. Um elenco deles está a seguir.

#### **Satisfeito**

- “Me sinto bem em saber que faço parte de um país que mantêm vínculos com outros”.

#### **Discriminado**

- “As vezes me sinto discriminado pelo resto do mundo”

- “Me sinto um latino-americano que infelizmente é discriminado por europeus e norte-americanos, e as vezes por latino-americanos”.

- “Professor, me sinto isolado, parece que existe uma grande discriminação pelo Brasil. Apesar de nossa economia ser boa, não somos respeitados e somos vistos como pobres e ladrões”.

- “Muitas vezes tratado com desrespeito e pouco caso em relação aos países do primeiro mundo”.

- “Eu acho que nós do Mercosul somos discriminados por outros países, no sentido de nos acharem um povo pobre e sem cultura. Os estrangeiros tem essa visão nossa”.

### **Pessimista**

- “Professor, acho que há muitas diferenças existentes e não me acho muito mercosulino”.
- “Acho que politicamente minha opinião não é dúvida, mas me sinto traído e explorado”.
- “Professor, acho que devemos nos sentir dignos, não piores que qualquer outra pessoa, mas sim tentando crescer, infelizmente não me sinto vinculado”.

### **Orgulhoso**

- “Sabe professor, eu me sinto orgulhoso, porque tenho parentes no países latinos e são muito bons países, de convivência”.
- “Acho que todos deveríamos nos sentir orgulhosos, porque todos estamos vinculados à região”.
- “tenho grande orgulho, mas acredito que ainda há algumas divergências que acabam por influenciar no cotidiano da população brasileira”.

### **Indiferente**

- “Na verdade nunca parei para pensar sobre ser mercosulino, mas não me incomoda, me sinto indiferente, mesmo porque cada país tem sua cultura diferente e não podemos rotular como se tudo e todos fossem iguais”.
- “Eu me sinto indiferente em todos os aspectos”.

### **Com expectativas**

- “Acho que todos os países latinos são pobres e lutam para conquistar um lugar melhor, são países de calor humano e em muitos aspectos semelhantes”.

- “Como mercosulino, me vejo com a necessidade de maior aprimoramento profissional, aprendendo mais línguas para sobrepor a discriminação que sofre um membro de nosso continente”.

- “Me sinto como um telespectador, ansioso para vivenciar o estágio máximo dessa integração”.

- “Acho que a vinculação é inevitável, dessa forma a adaptação aos costumes globais e regionais e a inserção ao contexto da aldeia global, darão o suporte para a consciência do verdadeiro cidadão do mundo”.

### **Inferiorizado**

- “Me sinto bem, um pouco pobre, mais bem”.

- “Me sinto rejeitado pelos países do primeiro mundo”

- “Depende, dentro do meu continente igual aos outros, em relação aos outros continentes me sinto inferior, claro que menos ao continente africano”.

- “Professor, acho que somos desfavorecidos”.

### **Insatisfeito**

- “Político e econômico temos semelhanças, porém temos que analisar o aspecto social de cada país, uns investem mais no social”.

- “Professor, acho que o brasileiro não se sente mercosulino, mas somos e temos que aceitar, ainda mais com a integração, eu particularmente não sou muito amigo dos países vizinhos”.

- “Professor eu não me sinto como mercosulino, me acho vinculado através do aspecto econômico”.



### **Integrado**

- “Me sinto integrado, más também acho que apesar de sermos do Mercosul temos que se abrir para o mundo através da globalização”.

### **Vinculado**

- “Me sinto vinculado apenas na parte política”.

### **Não tem opinião**

- “Eu nunca parei para pensar sobre isso, ser mercosulino, sei lá.

A leitura dos pareceres dos alunos, elencados acima, permite inferir que os alunos deixam transparecer sentimentos heterogêneos, incongruentes, até mesmo aleatórios. O Mercosul parece não dizer nada para eles e mesmo dizendo através das respostas fornecidas via questionário quantitativo e questões qualitativas, parece nada dizer.”É que a idéia de conhecimento liga-se umbilicalmente à de significação; conhecer é cada vez mais, conhecer o significado”, como informa Machado (1995, p.35). É que os alunos do Curso de Comércio Exterior, Uniso, não interiorizaram ainda o bloco econômico do qual fazem parte por não conhecerem o seu significado.

Ainda com Hall:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que as nossas identidades estão sendo continuamente deslocadas (1999 p.13).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A questão da identidade latino-americana foi abordada pelos latino-americanos de maneira recorrente desde o processo de colonização. Ganhou maior destaque, contudo, a partir das lutas pela independência colonial e, recentemente, na segunda metade do século XX, tanto a partir dos novos movimentos sociais-revolucionários quanto das elaborações de diversas ciências humanas, que passaram a analisar certos problemas da América Latina em seus aspectos estruturalmente comuns e em seus similares desdobramentos dialéticos. Mais recentemente os movimentos de reorganização do capitalismo em nível mundial, levaram ao surgimento de mega-mercados, induzindo a constituição do Mercosul.

Tal projeto gerou, em uma parcela da sociedade civil organizada, uma série de reflexões sobre a importância de uma integração não apenas econômica, mas especialmente cultural entre os povos, bem como uma série de críticas aos ideais neoliberais que norteiam esta integração, visando substituí-los pelo objetivo de uma democratização substancial de nações latino-americanas, democratização configurada na construção de uma cidadania ativa e mais plena possível - o que significa a garantia de todos os direitos humanos, uma vida digna e em qualidade satisfatória para todos, bem como o respeito e empenho pela realização das singularidades humanas no exercício ético da sua liberdade.

Embora a integração da América Latina tenha sido debatida em inúmeras oportunidades entre os governantes dos diversos países gerando vários acordos de integração em diferenciados níveis, bem como pela sociedade civil organizada, somente agora, sob os novos imperativos econômicos internacionais, inicia-se mais efetivamente esse processo, ainda que de forma excludente porque a sociedade civil ainda não tem acesso à discussão ampla e ao processo de decisão que fica no nível industrial, econômico e político.

As respostas aos questionários, tanto quantitativos como o qualitativo, efetivadas pelos alunos do Curso de Comércio Exterior, da Uniso, revelam que a

experiência da integração regional denominada Mercosul ainda não imprimiu, sob seus diferentes matizes, uma unidade capaz de garantir, ao mesmo tempo, desenvolvimento, paz, harmonia, notoriedade e identidade. Cimentando esta afirmativa o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o presidente Kirchner, da Argentina assinaram, em 16 de outubro/2003, uma série de acordos na área comercial que reduzem divergências entre setores da indústria de ambos países no comércio bilateral, para conciliar uma maior integração com “crescimento sustentável” e melhora dos indicadores sociais, os dois presidentes ratificaram, também, o Consenso de Buenos Aires, documento político que irá traçar as diretrizes para a área social e econômica e que pode ser, interpretado, segundo alguns analistas, como o contraponto ao Consenso de Washington, que delineou as políticas neoliberais adotadas pelos países da América Latina nos anos 90.

Assim, sabendo que existe uma vinculação orgânica entre cultura, educação e escola, tendo em vista que a intenção e a ação pedagógica têm como conteúdo a própria cultura. Isto significa que, em última instância, todo empreendimento educativo tem como propósito fundante a transmissão, a perpetuação e a renovação da experiência humana. Em outros termos, tudo que é vivido, pensado, produzido pelos homens fica consolidado nos saberes cumulativos, nos sistemas simbólicos e nos instrumentos usados para assegurar as relações sociais e a própria sobrevivência. O “não saber” sobre o Mercosul, conforme o revelado pelas manifestações dos alunos, no curso de Comércio Exterior, manifesta no espaço sociocultural da Uniso que os saberes construídos na práxis social dos seus atores, docentes e discentes, vistas como saberes da prática, do fazer, da experiência vivida, são ainda frágeis porque pouco fundamentadas teoricamente.

Oswaldo Moreira Douat, empresário e coordenador de um dos grupos do Fórum Mercosul já afirmou, em relação à questão social e à educação que :

Identificamos a questão social como merecedora de uma reflexão profunda: sem dúvida a educação é um fator fundamental para toda a arquitetura do Mercosul. Diante do grave problema, não há como fazer ouvidos moucos, pois a situação pode ir contra a classe produtora dos países do bloco feito avalanche, A avalanche já está aí, montanha abaixo, de maneira que mais dia menos dia poderá comprometer a todos e também a imagem do Mercosul, que quer imprimir uma marca de seriedade interna e externa (Gazeta Mercantil, 22 maio, 2000).

Concluindo, resta revelar quem é o vizinho, como o faz Joelmir Beting, divulgando pesquisa do centro de estudos de opinião pública (Ceop) de Buenos Aires, em 13/10/2003: para 75% dos argentinos, três em cada quatro, “somos todos individualistas”, para 58% “somos todos arrogantes, esnobes, invejosos e espertalhões”. Na mesma pesquisa, eles se consideram conservadores, um tanto quanto avessos à inovação na vida e no trabalho. Reconhecem “o espírito de empreendedorismo” dos brasileiros, do qual se sentem desfalcados.

Joelmir Beting, apanhando o psicanalista Marcos Aguinis, autor de “O atroz encanto de ser argentino” revela a identidade argentina: a busca de uma identidade européia, mais que hispana, mais que italiana, com traços de valor anglo-saxão (O Estado de São Paulo, caderno economia, 15 out 2003, p.B2).

Enfim, acoplando a pesquisa proposta para a presente dissertação à pesquisa realizada em Buenos Aires, é preciso dizer, pós-modernamente, para alertar professores e alunos do Curso de Comércio Exterior / Uniso que a Alca vem aí.

## **REFERÊNCIAS**

ABREU, Jorge Manuel Coutinho. Aspectos do direito econômico da União Européia In: **O Propedêutico**. São Paulo, v.5, n.4, 199

ALMEIDA, Paulo Roberto de. O Mercosul no contexto regional e internacional. **Revista Política Externa**, São Paulo, v.2, set.1993

———. Fronteiras brasileiras. **Gazeta Mercantil Latino-Americana**, Rio de Janeiro, 20 maio 1999.

ARRIGHI, Giovanni. **La globalización, la soberanía estatal y la interminable acumulación del capital**. Disponível em:

<http://tau.org.ar/base/www.geocities.com/Athens/Acropolis/1664/arrighi.htm> >.

Acesso em 03 Mar. 2000.

BARBOSA, Rubens Antônio, O integração regional e o Mercosul, **Revista Política Externa**, São Paulo, V.1, n.2, set.1992.

BARROS, Sebastião do Rego, Mercosul: crônica de uma morte ressuscitada, **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 21 abril 1999. Caderno Nacional, p.A-3.

BASSO, Maristela (org.). **Mercosul: seus efeitos jurídicos, econômicos e políticos nos estados-membros**. 2ª ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1997.

BRETTON, J.L. Roland, **Geografia das civilizações**. São Paulo: Ática, 1990.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade – A era da informação: Econômica, Sociedade e Cultura**, Vol.2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CATTANI, Afrânio Mendes (org.), Novas perspectivas nas políticas de educação superior na América Latina no limiar do Século XXI. **Campinas: Autores Associados, 1998**.

———. **Universidade na América Latina: tendências e perspectivas.** São Paulo: Cortez, 1996.

CHIZZOTTI, Antonio, **Pesquisa em ciências humanas e sociais,** São Paulo : Cortez, , 1991.

CICCOLELLA, Pablo José, Desconstrução/reconstrução no âmbito dos processos de globalização e integração. Os casos do Mercosul e do Corredor Andino. In: SANTOS, Milton, SOUZA Maria Adélia A. de, SILVEIRA Maria Laura. (org). **Território, globalização e fragmentação no Novo Mapa Mundial.** São Paulo: Hucitec, 1998

CONDE, Soledad García , PERELMAN, Pablo. Mercosul: avanços e temas pendentes na questão social . In: **Mercosul** (um Atlas, social e econômico). Buenos Aires/Rio de Janeiro: Instituto Herbert Levy – Brasil, 1997. p.186.

CORAGGIO, José Luis. O Mercosul diante da globalização. **Revista PUC viva,** São Paulo, nº 6, p. 15-18, set. 1996.

COROMINAS, Jordi. **Mundialización y acción liberadora.** Disponível em: <http://www.pangea.org/~spie/agenda-latino/koinonia/relat/179.htm>. Acesso em: Março 2000

COSTA, Rogério Haesbaert da. **Blocos internacionais do poder,** 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 1994.

DREIFUSS, René Armand, **A época das perplexidades:** mundialização, globalização e planetarização, novos desafios. Petrópolis: Vozes, 1996.

FAVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. Produção e apropriação de conhecimento da universidade. In: MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa (org.)



**Conhecimento educacional e formação do professor.** Campinas: Papyrus, 1994.

FARIAS, Flávio Bezerra de, **O Estado capitalista contemporâneo:** para a crítica das visões regulacionistas. São Paulo: Cortez , 2000.

FORUM de lideres, **Gazeta Mercantil Latino-Americana**, 22 maio 2000.

HALBERSTAM, David, **Gazeta Mercantil Latino-Americana**, 21 maio, 2000.

GAZETA MERCANTIL, 21 maio, 2000.

HALL, Stuart, **A identidade cultural na pós-modernidade**, 3.ed., Rio de Janeiro: DP&A, 1999

HARVEY David, **Condição pós-moderna.** – São Paulo: Ed. Loyola, 1989

HIERNAUX, Nicolas Daniel. **Território, globalização e fragmentação** In: SANTOS Milton, SOUZA Maria Adélia A. de, SILVEIRA Maria Laura (ORG.), São Paulo: Hucitec, 1998.

LUCANGELI, Jorge ALABY, Michel. Apontamentos para um mapa produtivo do Mercosul. **In: Mercosul** (um Atlas cultural social e econômico) Buenos Aires / Rio de Janeiro: Instituto Herbert Levy – Brasil, Manrique Zago ,1997. p.132.

MANCINI, Claudia, **Gazeta Mercantil Latino-Americana**, Rio de Janeiro, 21-27 maio, 2000

MARIÁTEGUI, José Carlos citado por Leopoldo ZEA, Negritude e Indigenismo ,  
in: MARQUINEZ ARGOTE, German, **Temas de antropologia Latino-  
americana**, 5º ed. Bogotá: El Buho, 1989, p.96 (Colección Antologia, N.2).

MELLO, Leonel Itaussu Almeida, **Argentina e Brasil: a balança de poder no  
Cone Sul**, São Paulo: Anna Blume , 1996.

MENGA, Ludke, **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**, São Paulo:  
Pedagógica Universitária, 1986.

MERCOSUR. Una Idea con fuerza. Documento de trabajo, Buenos Aires, 1999

O'KEEFE, Thomas A. **Gazeta Mercantil**, 22 setembro 1999.

PETTIS, Michel. O papel potencial do Mercosul. Folha de São Paulo, 13 de  
dezembro 1998. Caderno Dinheiro, p.2.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez,  
1997.

\_\_\_\_\_. **A Floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna**,  
São Paulo: Cortez , 1999.

SAADIA, Maria Borba Martins. **Mercosul: formação profissional e legislação –  
Canoas: ULBRA**, 1996.

SALAZAR, P. Antônio; BRANDÃO, Lia Valls Pereira (org.), **Mercosul:  
perspectivas de integração**. 3ed., Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas,  
1998.

SANTOS, Milton, **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton, SOUZA, Maria Adélia A. de, SILVEIRA, Maria Laura (org.), **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1998

SCHILLING, Paulo R. **Mercosul: integração ou dominação**, São Paulo: CEDI Centro Ecumênico de Documentação e informação, 1992.

VILLA, José Maria Vidal. **Mundialización y movilidad de la fuerza de trabajo**. Disponível em: < [http://redem.buap.mx/t2\\_vidal.htm](http://redem.buap.mx/t2_vidal.htm)>. Acesso em 3 mar. 2000